ANO 18.º — QUINTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 1938 — N.º 5752

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

DO nosso prezado colega «Jornal de Noticias» transcrevemos a seguinte «impressão», dum tão forte relevo literario, relativa ao ultimo livro do sr. dr. Joaquim Manso—impressão escrita pelo nosso brilhante colega Alfredo Marques:

«Mestre Joaquim Manso iluminou a literatura contemporanea com mais uma rica projecção: «Primavera da Lenda», joia helenica de incomparavel valor intelectual, mimo de beleza grafica de Luiz de Montalvor, iluminura graciosa em paginas ilustradas de Almada Negreiros. A obra de insigne prosador já não cabe na prosaica critica literaria, que toca a epiderme dos livros. A galeria literaria do dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diario de Lisboa», pertence já aos ensaistas: Como esta secção não tem funções de critica nem de ensaio, poderemos fixar aqui algumas opiniões não sôbre os livros do mestre iluminado, mas acêrca da sua propria personalidade intelectual.

E' preciso ver a profundidade da obra literaria do dr. Joaquim Manso e trazê-la ao plano das glorias nacionais, dando-lhe a justa mercê honorifica. A cultura helenica, portanto, humanista do dr. Joaquim Manso guarnece toda a sua obra de formosas pedrarias, as quais fazem classificar o eminente prosador como um dos nossos primeiros estilistas e uma das nossas mais brilhantes constelações literarias nas paginas da «Primavera da Lenda», há um friso de graça helenica que esmeralda as mais belas concepções morais e de espirito.

Só este livro, pela expressão verbal e orquestrações ritmicas, prova que mestre Joaquim Manso tem jus ao titulo de nosso primeiro estilista».

* * *

MUITOS leitores se nos têm dirigido, queixando-se de que as ruas em que moram carecem de melhoramentos. E' natural que assim façam, visto que quem se cala geralmente não é servido.

Não nos esqueçamos, porém, de que a Camara Municipal trabalha com a maior diligencia, a-fim-de que a sua acção reparadora e renovadora se estenda a toda a cidade. E'-lhe impossivel atender ao mesmo tempo tantas reclamações.

Há uma razão de ordem que a manda dar prioridade ao mais importante e mais urgente. A pouco e pouco, chegará a vez dos que se julgam esquecidos.

* * *

SOBRE a linha Maginot, o celebre «parapeito» da França, as rosas vão desabrochar. A ideia não deixa de ser gentil. Junto das casamatas de cimento e das torres, onde apontam pupilas sinistras de canhões e metralhadoras, no meio das densas meadas de arame farpado, vão ser plantados centenares de roseiras que com a sua graça e o seu perfume não tardarão a esconder esse tragico aparelho de guerra. Talvez que os homens, reparando na sua fragilidade poetica, pensem um pouco mais na paz, convertendo esse campo entrincheirado num jardim em flôr.

* * *

A FALTA de espaço impede-nos de publicar hoje a habitual Pagina de Quinta-feira, do nosso camarada Norberto de Araujo.

Da honra

Os homens esquecem-se frequentemente de que a mentira, a hipocrisia, a simulação e a dissimulação, a imprudencia e o cinismo conduzem em linha recta á negação da sua natural nobreza. Quando dizemos — «E' necessario ter palavra» — proclamamos, sobretudo, a existencia do caracter que tem para nós o mesmo valor que o cunho, nas moedas de fino ouro.

O chamado «troca-tintas», o vendilhão das suas opiniões, o despresador da sua propria estima, parece-se com o soldado que levava a espada á praça para servir quem mais desse, embora reservando-se a liberdade de trair. A inteligencia por si só, desacompanhada da noção do bem e do dever, pode ser perigosa como um frasco de veneno. O exemplo de Urbino de Freitas salta aos bicos da pena.

No seu ultimo livro, Georges Duhamel mostra-nos um lar onde a inteligencia — núa, tria, egoista e raciocinadora — destroi o amor puro dum belo sonho, a grandesa dum destino e a elevação sublime dum pensamento, irmão das estrelas e da sua luz divina.

A bondade não se obtem por um calculo de avarento, visto que prefere oferecer-se generosamente e não engrandecer-se com os premios das virtudes mundanas ou os elogios das rectoricas fluentes e lisonjeiras. Nas epocas de decadencia, quando a frivolidade dita a lei e a inconstancia cede a cada um o direito de «caminhar sem caminho», ha quem não se peie de afirmar:

—«A bondade significa erro de apreciação nos valores da vida, pois julga o fruto amargo superior ao fruto bem sazonado».

Não é assim, evidentemente, visto que nela se realiza o perfeito equilibrio do nosso ser, na ascensão total dos tempos purificados. O espirito, se quisesse libertar-se da sua inspiração, tropeçaria na liberdade, como os revolucionarios inexperientes nas conquistas da revolução.

O homem que se fortalece com a bondade implicitamente confessa o seu absoluto respeito pela verdade. Em vez de viver á tona dos acontecimentos, á mercê de correntes opostas e ingovernaveis, sitúa-se no seu coração, na tranquilidade que as multidões não perturbam.

A honra, que é como quem diz — «a obrigação de ser leal á sua consciencia» — brota da bondade e da verdade tão naturalmente como o fogo da combustão que o engendra. Contra ela erguem-se ás vezes ameaças, calunias, odios e invejas, mas queda invulneravel na limpidez do seu olhar e na força soberana da sua presença.

Perante ela, bem sustentada em palavras e acções, nós sentimos imediatamente que a vida adquire um preço que Cresus não poderia pagar com os seus tesouros. E' sobria na frase e no gesto, por entender que a persuasão não provém dum exito de eloquencia, mas sim dum irresistivel pendor para a reflexão.

A honra acomoda-se ás pessoas que a praticam, visto que a cada uma impõe mandamentos particulares: energica neste, humilde naquele, austera naquel'outro, heroica em alguns, mas intransigente em todos. Quando importa separar a justiça da iniquidade, a propriedade do roubo, a fraquesa da violencia, o lucro da ganancia, ela não pesa o pró e o contra, a fim de saber de que lado está o proveito, porque a sua satisfação reside, em si mesma, na posse dos valores imutaveis da verdade e da bondade.

O rei deve-a ao seu povo, o povo ao seu rei. O pai ao filho, o filho ao pai. O general ao soldado, o soldado ao general. O comerciante ao freguês, o freguês ao comerciante. O juiz ao tribunal e o tribunal ao juiz.

Com a ideia de criar o esperado «homem novo», as ideologias prometem-lhe largos bens materiais, sem se lembrarem de que sem honra, de que mal lhe falam, ele retomará a sua velha carga de penas e tormentos e como o judeu errante irá bradando:

—«Tudo envelhece e cai em pedaços, menos o meu triste fadario...»

O ESPLENDIDO hebdomadario brasileiro, «Dom Casmurro», vem inserindo nas suas paginas, com extraordinario interesse do publico, as cartas que, por largos anos, Eça de Queiroz dirigiu a Ramalho Ortigão. Temo-las lido com prazer, mas, uma vez que outra, com uma impressão bastante álgida.

Não haveria maneira de as seleccionar, reservando para os raros apenas as que poucos entendem no seu exacto sentido?

Eça de Queiroz que, tanto em relação a si como em referencia á sua obra, revela uma modestia quasi sublime, assim quando se reporta ao Primo Basilio, conheceu as contrariedades da fortuna e mesmo a situação penosa do homem que luta para pagar as suas dividas. Desejava livrar-se dos seus credores que lhe tolhiam a respiração.

Que interesse pode haver, a não ser o de entregar á voracidade profana do leitor, o que nada perdia em quedar envolto, numa atmosfera de respeito e silencio?

A obra de Eça vale um tesouro que nos honra, ao passo que as agruras da sua existencia são de menos significação, embora dignas de discreta lembrança.

Se fôsse vivo Ramalho Ortigão consentiria num tamanho excesso de publicidade sôbre aquele que foi seu compadre, seu amigo e seu companheiro de lutas?

* * *

GRAÇAS á acção do nosso ministro junto do Quirinol, sr. dr. José Lobo d'Avila Lima, a que se não foi estranho o esforço cultural dos srs. drs. Alexandre Pavolini e Celestino da Costa, vai começar a funcionar na Universidade de Roma um leitorado de português.

Segundo o acórdo realizado entre o «Instituto Nacional para as relações culturais com o estrangeiro» e o nosso «Instituto Português para a Alta Cultura», o intercambio luso-italiano abrangerá: permuta de estudantes, instituição de cursos universitarios de literatura italiana em Portugal e de literatura portuguesa na Italia, ciclos de conferencias, difusão de publicações e outros meios destinados a facilitar a boa compreensão mutua dos dois paises.

Esta obra de aproximação, tão inteligentemente concebida e estudada, não poderá deixar de ser do maior interesse e proveito para dois paises que sempre trabalharam unidos para o triunfo do latinismo.

* * *

NUM jornal parisiense, vem uma referencia a uma mulher que foi bela, rica, festejada e cortejada e acabou na miseria. E uma historia facil de contar—tanto mais facil que todos a sabemos de cór.

Serviço da Administração Militar

O serviço de subsistencias e fardamento em campanha

Têm prosseguido na Direcção do Serviço de Administração Militar os estudos sôbre o serviço de subsistencias e fardamento em campanha.

O sr. tenente-coronel Gonçalves Canelhas expôs, com muita competencia, o estudo e emprêgo do funcionamento do serviço de subsistencias no corpo do exercito que faz parte do hipotetico exercito em estudo.

Os srs. capitães Palma Graça e Ney da Mata expuseram com preciso conhecimento identico tema quanto ás terceira e quarta divisões daquele corpo de exercito e, bem assim, o sr. tenente-coronel Antonio Cerveira, quarto ao terceiro corpo do exercito.

Ontem fez uma brilhante exposição sôbre o emprego do mesmo serviço durante três dias quanto á quinta divisão do terceiro corpo do exercito o sr. major David dos Santos e bem assim o sr. capitão Peres Gomes quanto á sexta divisão.

O dr. André Bernay

vem a Portugal no proximo mês

O sr. André Bernay, o medico de Lyon que descobriu o tratamento da tuberculose por um metodo emboligeno conhecido pelo seu nome e já adoptado oficialmente em Italia e em experiencias oficiais em Portugal, Belgica e Suiça, chega no proximo dia 17 a Lisboa, vindo de Lyon, por avião.

O dr. Bernay dirigia-se a Coimbra, onde no Hospital da Colonia Portuguesa do Brasil, dirigido pelo professor dr. Bissaia Barreto, o sr. dr. Mario Damas Mora está ensaiando o processo Bernay ,sob as vistas de uma comissão de «contrôle» constituida por tisiologos portugueses, em 15 doentes tuberculosos escolhidos por essa comissão.

O conhecido medico francês vem a Portugal verificar o resultado do tratamento aplicado segundo o seu metodo e será acompanhado pelo dr. Valegeas, assistente da Clinica de Ternoy, de que o dr. Bernay é director.

VIDA ARTISTICA

Exposição Abel Salazar

Durante alguns dias mantem-se aberta ao publico da capital, na Sociedade de Belas Artes, a exposição de trabalhos do professor Abel Salazar, que desde a semana ultima se admira na rua Barata Salgueiro.

O certame tem registado diariamente larga frequencia e foram já vendidos numerosos trabalhos. E' possivel que no proximo sabado abra novamente, á noite, de modo a permitir a visita das pessoas que de dia o não posam fazer.

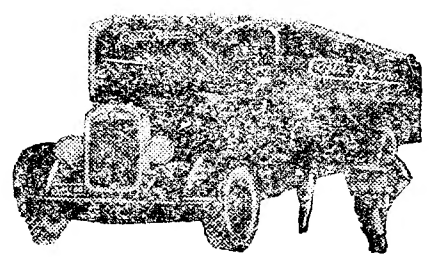
Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria José de Melo Saldanha e Castro, D. Maria Laura Marinho Sobral, D. Sara Maria de Serra e Moura de Lemis Lisboa, D. Maria dos Remedios Pequito Caldeira Pires, D. Maria Isabel Ferreira do Amaral de Figueiredo, D. Maria Amelia Matos Fernandes Duarte Silva, D. Maria da Piedade Pessanha do Amaral Pyrrait e D. Helena Luisa Moreira de Carvalho.

Meias Finissimas
A preços baratissimos só no
Campião das Meias
Rua Serpa Pinto, 16 D. (Ao Chiado)



DE LUTO

D. Adelaide Cisneiros Arriarte Sales Henriques

Com grande acompanhamento de pessoas de categoria e altas patentes da Armada, realizou-se hoje, para jazigo de familia no cemiterio do Alto de S. João, o funeral da sr.ª D. Adelaide Cisneiros Arriarte Sales Henriques, esposa do sr. almirante Artur Sales Henriques, e mãi do 1.º tenente sr. Sales Henriques, comandante de Batalhão da Brigada Naval da «Legião Portuguesa» e ajudante ão sr. major general da Armada.

Ao sr. almirante Sales Henriques, e a seu filho apresentamos sentidos pesames.

José Mascarenhas de Oliveira

Da igreja de Santa Isabel. para o cemiterio dos Prazeres, realizou-se hoje o funeral do desditoso aluno da Escola Marquês de Pombal, José Inacio Mascarenhas de Oliveira, residente na rua dos Cordoeiros, 62, a Pedrouços, que anteontem sofreu um desastre mortal na estação de Belem.

Pelas 11 horas, a pequena urna foi colocada num auto-funerario que a conduziu ao cemiterio, onde ficou depositada em jazigo de familia.

No prestito encorporaram-se numerosas pessoas de familia e de amizade do extinto e muitos estudantes da sua escola.

Sobre o ataude fôram colocados muitos ramos de flores.

D. Iria Santa Clara

Com 82 anos de idade, faleceu hoje a sr.ª D. Iria Santa Clara, viuva do sr. conselheiro Antonio Lucio Santa Clara.

A veneranda extinta, que possuia as mais finas qualidades de espirito, era mãi dos srs. José Santa Clara, Tomás Santa Clara, funcionarios do Estado, em Africa; Antonio Lucio Santa Clara Junior, funcionario da Alfandega de Lisboa, e das sr.as D. Maria, D. Cecilia, D. Berta Santa Clara e D. Valentina Santa Clara Duarte.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, das escadinhas da Saude, 8, 2.º D.º, para o Alto de S. João.

Antonio Mendes Lima

Faleceu o sr. Antonio Mendes Lima, de 82 anos, escrivão de direito aposentado, natural de Ancião, que era casado com sr.ª D. Albertina Candida Monteiro Leitão Lima, pai do sr. engenheiro Arnaldo Leitão Lima e sôgro dos srs. Miguel Coelho, nosso colega na imprensa, e engenheiro Arnaldo Pimenta de Castro. engenheiro Arnaldo Leitão Lima.

O funeral sai amanhã, pelas 11 horas, da rua da Trindade, 8, para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

D. Abilia Pires

BRAGANÇA, 24—Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Abilia Pires, mãi do sr. dr. Antonio Augusto Pires, reitor do Liceu de Emidgio Garcia, e Paulo Quintela, assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A' familia enlutada os nossos pesames.

SUFRAGIOS

D. Ida Baptista Ribeiro Santos

Na igreja de S. Sebastião da Pedreira reza-se amanhã, pelas 10 horas e 30, missa do 90.º dia, por alma da sr.ª D. Ida Baptista Ribeiro Santos, filha do falecido ajudante dos Bombeiros Municipais, sr. João Baptista Ribeiro.

A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES

Banquete de homenagem

ao maestro Freitas Branco

Promovido pela Orquestra Sinfonica da Emissão Nacional, com a adesão da comissão organizadora do concerto no teatro de S. Luis e presidido pelo sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, como representante do sr. ministro da Educação Nacional, e na sua qualidade de presidente da Junta Nacional de Educação, realiza-se no proximo dia 27, no Palacio de S. Luis, (Gremio Alentejano), rua Eugenio dos Santos, um banquete de homenagem ao maestro Pedro de Freitas Branco.

A inscrição encontra-se aberta até ao dia 25, na secretaria da Emissora Nacional. rua do Quelhas, 2, e nas casas de musica Sassetti, rua Nova do Carmo, e Valentim de Carvalho, rua Nova do Almada.

Viajantes

A bordo do «Angola», e acompanhado por sua esposa e filhos, chega depois de amanhã a Lisboa o sr. dr. Vasco Palmeirim, chefe dos serviços de Saude da provincia de Moçambique e director do hospital Miguel Bombarda, de Lourenço Marques.

O FRIO entra pelas FRINCHAS
Calafetar as frinchas é evitar o FRIO
ALAFETAGEM
das frinchas das janelas, portas e marquises (mesmo as de ferro), em uso corrente nos países frios. Conforto imediato. Não altera em nada os movimentos.
R. DA CONCEIÇÃO, 11
Tel. 2 6850 — **LISBOA**

Bobines com 12 metros a Esc. 15$00, com todas as instruções para a sua facilima colocação, que feita pelo nº pessoal custa $50 o metro. Remessas pelo correio a cobrança.
PORTO — R. do Almada, 87. — Telef. 387

O MELHOR WHISKY QUE TODOS PREFEREM
EXIJA
VAT-69
AGENTES EM PORTUGAL
DELAFORCE SONS & Cª
VILA NOVA DE GAIA
Depositarios em Lisboa: Charles E. le Goullon & C.ª - Rua do Alecrim, 21-A. Tel.: 21053

A MUSICA

A «Sinfonia Camoneana» hoje á noite no Coliseu

E' esta noite que se executa, no Coliseu dos Recreios, através da interpretação da grande Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, com orgão e três fanfarras, a «Sinfonia Camoneana» n.º 2, de Rui Coelho.

Os quatro andamentos da sinfonia invocarão o heroismo forte da «tuba canora e belicosa», o lirismo bucolico da «Fonte dos amores de Inês», a invocação saudosa do Poeta na «A Morte de Camões», e o amor epico da nossa terra no «Pregão Eterno» construido sobre as palavras em bronze de Camões, «Eu canto o peito ilustre lusitano».

Ao lado desta Sinfonia, dará ainda o maestro Rui Coelho a sua «Petite Symphonie» de proporções e forma rigorosamente classica, e a primeira audição de «A Feira» de ambiente folclorico não imitativo e outras obras suas já consagradas no estrangeiro como «Rondel Alentejano», «Alcacer» quadros sinfonicos, «Princesa dos Sapatos de Ferro» poema coreografico, «Passeios de Estio em Portugal» quadros orquestrais.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 25.—Santa Catarina de Alexandria, virgem martir.

Lausperene, está na igreja de Santa Catarina, ás 9, missa da Paz; ás 11 e 30, missa por musica; ás 18, terço de benditos.

Graça, ás 10, missa, no altar do Senhor dos Passos e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

SOLAR DA ALEGRIA Telefone 2 4290
A MELHOR CASA DE FADOS DE LISBOA
Apresenta ás 21,30 em SOIREE
Dedicada á Ilustre Academia de Lisboa
Natalia dos Anjos, Lucilia do Carmo, Adelina Ramos, Francisco dos Santos, Domingos Silva e Manuel Lisboa.
2.ª apresentação do executante de Guitarra Havaiana **Celio Pinto**
Alberto Ribeiro: O popular cantador de Fados em novas modalidades
Noite de Fado Noite de Arte Noite de Festa
CONSUMO 2$50
Primoroso serviço de Restaurante

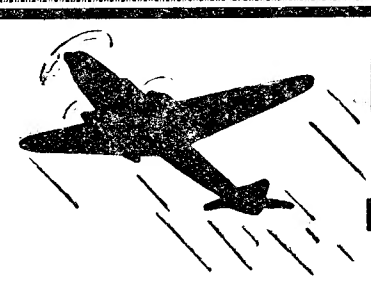
RETIRO DA SEVERA Telefone 2 5979
O Salão preferido pela Sociedade Elegante
Hoje ás 21 horas — NOITE DA MODA
Variações e guitarradas com Armandinho e Jaime Santos. Fados e canções por Maria do Carmo Torres, Arminda Vidal, Maria Virginia, José Porfirio, Frutuoso França e Xavier Pinto.
JANTARES a 15$00. Primoroso Serviço á Lista
Servem-se Banquetes

Colete Encarnado
O retiro aristocratico do Fado
Raquel de Sousa, Maria Carmen, Julio Proença e Joaquim Campos.

CAFÉ MONDEGO — Tel. 2 5676
Hoje as 21 horas cantam Carolina Redondo, Manuel Cascais e Manuel Calisto.
Amanhã: Solos de viola por Pais da Silva.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS
Valem um bom retrato com o formato 18×24 na FOTOGRAFIA ACHILLES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 1, 1.º ANDAR — LISBOA — TELEF. 4 7063

TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.
PORTO — *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 15061-15062
LISBOA — *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 27200


CORREIO AEREO
SERVIÇO BI-SEMANAL
PORTUGAL - AMERICA DO SUL EM 48 HORAS
RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA
Aero - Portuguesa
33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371
TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15
para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro, Angola e AMERICA DO SUL
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.
Deutsche Lufthansa A. G.
34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
para Las Palmas, Bathurst e America do Sul
ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira
A's terças, quintas e sabados **Serviço** para Passageiros, Mercadorias e Correio entre **Lisboa-Berlim** com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart **No Mesmo Dia**

Casa no Parque Estoril

A 500 metros da estação caminho ferro, aluga-se ao ano ou pela época. Tem chauffage, garage ,canalização de agua quente independente com 3 casas de banho.

Informa o chefe da estação ou Lino banheiro.

Komol

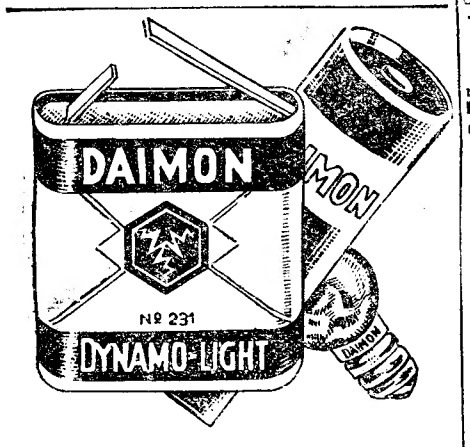
Pinta os cabelos em 15 minutos

E' s/representante:

M. CABRAL

Av. Almirante Reis, 166, r/c dto.

TELEF. 4 6865



A MELHOR

Acaba de chegar nova remessa. Peçam tabela de desconto aos agentes exclusivos:

SCHUTTE & C.º L.DA

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º

Telefone 2 1945 LISBOA

PELES! PELES! PELES!

RAPOSAS, CASACOS, ROMEIRAS

O sortido mais completo.

As melhores qualidades, os menores preços.

Casa da Siberia

PELEIROS

R Augusta, 254 — Esquina de Santa Justa

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 12 h.
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç, das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Doenças sr.as operações—Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 6 h.

ANALISES CLINICAS

TELEFONE 2 6519

Pensão Aviz

R. Antero Quental, 10 — Telef. 4 3970

A melhor e mais barata de Lisboa — Quartos casal 27$00 — Domicilio 5$00

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Uma mulher... e o mesmo homem».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A rua da Paz».
TRINDADE—A's 21 e 30—«Perdi minha mulher!».
COLISEU—A's 21 e 30—Concerto Sinfonico.

CINEMAS

S. LUIZ — A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
REX—A's 21 e 15
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.

APRENDA A DANÇAR

Lições práticas com Professoras, (diurnas e nocturnas) **DESDE 5$00.** Prof. Machado.

Rua dos Fanqueiros, 286, 1.º Telef. 22465

O novo salão de cinema da «Voz do Operario»

O salão de cinema da «Voz do Operario» reabre no próximo domingo, completamente remodelado, possuindo novo equipamento sonoro e «écran» extra-luminoso.

Os filmes de estreia são «Maria Stuart», e «O Pirata Bailarino».

O produto da receita dêste cinema destina-se, como todas as outras de «A Voz do Operario», á grande obra de educação e assistencia que a mesma sociedade realiza.

MOBILAS DA GRANJA

Os mais belos modelos vendidos directamente. exposições permanentes de mobilias, tapetes Etâmines, e estofos: **Em Lisboa: — Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado) Em Coimbra: — Avenida Navarro, 41**

+ PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

- 1.º Uma só aplicação aguenta-se todo o dia.
- 2.º Suprime completamente o luzidio.
- 3.º Dá um aspecto "mate„ e aveludado e uma beleza natural. Não forma placas.
- 4.º Resiste ao vento, á chuva e á transpiração.
- 5.º Fecha os poros dilatados. — Não seca a pele.

Pelas quais o vosso Pó de Arroz deveria conter **"Mousse de Crème"**

Esta ideia nova e surpreendente é aplicada ao Pó Tokalon no qual a "mousse de crème„ está cientificamente misturada com um pó fino e aerificado. Dum aveludado delicioso, refresca e estimula os tecidos cansados, tonifica a pele e dá ao rosto mais feio um aspecto "mate„ duma maravilhosa beleza.

O Pó Tokalon é o unico verdadeiro pó de arroz com "mousse de crème„. Uma só aplicação dura quatro vezes mais que a doutro pó ordinario.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando dirija-se á Agencia Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

BRINDE

Passando o 1.º aniversario da Editorial Progresso, L.da

165-A, Rua da Palma, 165-B

Ofercce esta casa, a todos os Ex.mos clientes durante os dias 24 a 30 do corrente nas compras superiores a 15$00, um exemplar gratis da obra de

AXEL MUNTHE

"Homens e Bichos„

tradução de Antonio Sergio

Não perca pois esta oportunidade de enriquecer a sua biblioteca com uma obra do consagrado autor do «LIVRO DE S. MICHEL», inteiramente de graça.

BOLSA DE LISBOA

24 de Novembro

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 5 3/4 T. 10.	938$00		938$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	97.$00	970$00	971$50
Consolidado 4 1/2 T. 19.	—	—	—
Consolidado 4 3/4 T. 10.	—	1.11.$00	1.150$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.055$00	1.051$00	1.055$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10	—	—	—
Externas 1.ª série	—	1 671$00	1.678$00
Externas 1.ª carimbadas	1.715$00	1.713$00	
Externas 3.ª série	—	—	1.692$00
Externas 3.ª carimbadas	—	1.785$00	1.790$00
Cautelas da 3.ª serie s/j.	148$50	118$00	119$00
Acções			
Esp.S.º e Com. Lx.ª port.	755$00	750$00	76.$00
Lisboa e Açôres pert. ..	—	356$00	—
Ultramarino ep T. 10 ...	—	21$00	22$00
Portugal port. T. 5.....	—	—	1.090$00
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	233$00	232$00	234$00
Nacional	—	—	750$00
Sagres.....	—	—	1.300$00
Aguas Lisboa port.	258$00	—	260$00
Aguas Lisboa 1931 T. p..	—	156$00	—
Aguas Lisboa 1936 T. p..	155$00	—	—
Cervejas Estrela	500$00	495$00	510$00
Cimentos Tejo	395$00	390$00	395$00
Cimentos Leiria T. p. ..	350$00	340$00	360$00
Credito Predial	—	11$00	11$.0
Gas e Electricidade.....	280$00	280$00	280$50
Alto Alentejo 1.ª/2.ª em.	310$00	305$00	508$00
Alto Alentejo 3.ª/4.ª em.		305$00	308$00
Industria Aliança.....	101$00	—	104$90
Portugal e Colonias.....	90$30	90$30	90$80
Nacional Navegação T. p.	136$00	136$00	136$50
Colonial de Navegação.	—	50$00	—
Portuguesa de Pesca....	355$00	353$00	355$00
Ind. Farmaceutica	300$00	290$00	303$00
Portuguesa de Tabacos.	389$00	388$50	390$50
Tabacos de Portugal....	330$00	326$00	330$00
União Electrica Portug.	—	—	—
Cassequel	230$00	229$50	232$00
Agricola das Neves	185$00	181$00	190$00
Agricultura Colonial....	—	140$0	148$00
Açucar de Angola.....	381$00	380$00	382$00
Buzi 1.ª emissão T. p. ..	—	43$10	43$40
Ilha do Principe.....	—	217$00	22.$00
Zambezia T. 25.....	—	—	—
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °/o.	—	—	—
C. P. 6 °/o	175$50	175$50	176$00
C. P. 6 °/o Beira Baixa...	177$00	177$00	178$00
Aguas Lisboa 4 1/2 ep...	—	—	—
Prediais 5 °/o 1935	85$50	85$10	85$50
Prediais 5 °/o 1937.....	86$50	86$00	—
Prediais 6 °/o 1932 1.ª	92$50	92$00	—
Prediais 6 °/o 1932 2.ª....	93$00	92$50	—
Prediais 6 °/o 1934 1.ª 3.ª	92$30	92$20	92$30
Prediais 6 °/o 1934 4.ª/6.ª..	—	—	—
C. N. I. Moagem 5 °/o T. p.	—	930$00	—
União Elect. Port. 5 °/o.	—	104$50	105$00
União Elect. Port. 6 1/2 °/o	—	115$50	116$00
Buzi 6 1/2 °/o T.p.	113$50	113$50	114$00
Buzi 5 1/2 °/o T. p.	—	118$50	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 60

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110$15	110$19
New-York.....	23$61,6	23$65,9
Paris.....	$61,6	$61,7
Berlim	9$46,3	9$46,8
Amsterdam	12$86,2	12$86,9
Bruxelas	4$00,0	4$00,2
Roma	1$24,2	1$24,3
Zurich.....	5$36,2	5$36,5
Praga.....	$80,8	$80,8
Rio de Janeiro.....	1$37,6	1$37,7
Burgos (Espanha)	—	—
Libra ouro	—	—

Papelaria Carlos

Lápis tecnicos para desenho

CASTELL, KOH-I-NOOR, LUMOGRAPH e WOLFF

RUA DO OURO, 36 — LISBOA

Antonio Mendes Lima

FALECEU

Albertina Candida Monteiro Leitão Lima, Dalinda Leitão Lima Gomes Coelho e marido, Alice Leitão Lima Pimenta de Castro e marido, Arnaldo Leitão Lima e mulher, Alberto Mendes Lima, mulher filhas e genros, Albertina Augusta Lima e mais familia dolorosamente participam de que foi Deus servido levar da vida presente o seu querido marido, pai, sogro, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 e 30 da Rua da Trindade, n.º 5, para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

AGENCIA BARATA

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

Boquilhas Anti-Nicotina

Sanica

A ultima palavra da técnica em boquilhas higienicas, cuja filtragem atinge o "récord„ de 82 1/2 °/o, (mais que nenhuma outra!).

Agente-Distribuidor para Portugal:

C. Conseil de Vasconcelos

252, 256, Rua 31 de Janeiro

PORTO

Gengivas sangrentas

ORATOL—remedio poderoso contra gengivites mercuriais, obcessos gengivais e outros casos de estomatite. Desinflama as gengivas e sustem rápidamente a sangria. Produz efeito muito superior ao do clorato de potassio, muito agradavel e mais economico.

2 colheres das de chá para um litro de agua é o suficiente. Resultados seguros ás primeiras aplicações. A' venda nas principais farmacias e drogarias do país.

Distribuidor: Farmacia Valadas. R. da Madalena, 235, Lisboa.

Preço 12$00.

Chales

E mantas de viagem

Armazem, R. Douradores, 150, 2.º

Dr. Miguel de Magalhães

Monitor da clinica de Necerk — Paris

RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

TELEFONE 2 9062

Isabel Grau Tovar de Lemos

FALECEU

Alfredo Tovar de Lemos, Luiz Grau Tovar de Lemos, Idalina Florenço Tovar de Lemos, e filhos, Joaquim Grau Fajardo, Carmen Grau e mais familia participam a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida e chorada esposa, mãi, sogra, avó, filha e parente e que o seu funeral se realiza amanhã dia 25 pelas 15 horas da sua residencia Rua Maria Andrade, 50 para Jazigo no cemiterio do Alto de S. João.

MAGNO

VIDA LITERARIA

O Premio "Ricardo Malheiro"

foi conferido

a Joaquim Paço de Arcos

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS

Reuniu-se esta tarde a classe de Letras da Academia das Ciencias para conferir o *Premio Ricardo Malheiro 1938*. O juri que apreciou as obras, era constituido pelos srs. drs. Rebelo Gonçalves, Eugenio de Castro e Agostinho de Campos, sendo este ultimo o relator. O parecer do juri foi ha quinze dias submetido á douta assembleia, recaindo hoje sobre ele a votação—mera formalidade, visto que as decisões do juri, um para cada ano, são sempre aceites sem discussão. A reunião foi rapida, tendo o premio sido conferido ao brilhante escritor sr. Joaquim Paço de Arcos, pelo seu romance «Ana Paula».

O premio Ricardo Malheiro (cinco mil escudos) instituido pela Academia para recompensar a melhor obra de ficção (romance, contos, poesia ou teatro) apresentada a concurso foi concedido pela primeira vez, em 1933, a Aquilino Ribeiro, no ano seguinte a Ferreira de Castro, em 1935, a Antero de Figueiredo e em 1936 a Samuel Maia. Em 1937 não foi concedido, por o juri não ter considerado merecedora do premio nenhuma das obras apresentadas a concurso. Joaquim Paço d'Arcos é assim o quinto autor português que a Academia distingue e o mais novo dos cinco, pois ainda não havia completado trinta anos quando em maio passado publicou a «Ana Paula». Estreou-se em 1928 com um livro de polemica, «Patologia da Dignidade», a-proposito da questão do porto da Beira. Andara pelo Oriente, por Africa, viveu em seguida dois anos no Brasil e dessas varias migrações trouxe o material para as suas primeiras obras nitidamente literarias: o «Heroi Derradeiro», romance publicado em 1933, menção honrosa da Academia no primeiro concurso Ricardo Malheiro, com segunda edição, tambem já esgotada, em 1934; «Amores e Viagens de Pedro Manuel», novelas, publicado em 1935, segunda edição em 1937; «Diario dum Emigrante», romance, aparecido em 1936 e premiado nesse ano pelo Secretariado da Propaganda Nacional com o premio Eça de Queiroz, instituido em 1934 e nesse ano pela primeira vez concedido. «Ana Paula—perfil duma lisboeta», premiado agora pela Academia, é uma obra diferente das anteriores; nela já não se espelha, como nos «Amores e Viagens» ou no «Diario dum Emigrante», a experiencia pessoal do autor. E' uma obra forte, cenas da vida de Lisboa, cuja incontestavel projecção no nosso meio literario já tem feito correr alguns fios de tinta, com invulgar interesse do publico que esgotou em menos de três meses a primeira edição. Uma segunda está já no prelo, no Rio de Janeiro, destinada aos mercados português e sul-americano.

A missão inglesa em Portugal

LONDRES, 24. — O correspondente do «Times» em Lisboa, ao referir-se ao regresso do almirante Wodehouse, do capitão Field e do coronel Daly á capital portuguesa, escreve: «Agora, que aqueles três oficiais da marinha, da aviação e do exercito apresentaram um relatorio em Londres referente ao resultado do seu inquerito, pode pensar-se que a missão inglesa começará as conversações com os seus colaboradores portugueses sôbre questões mais precisas respeitantes aos interesses comuns dos dois paises».—(Hava).

Dr.ª LAURINDA ALAMBRE

Doenças uterinas

R. Garrett, 74, 1.º - das 2 às 6 - Telef. 2 0524

SINDICATO PROFISSIONAL

A Ordem dos Medicos

foi criada por um decreto

publicado na folha oficial

Pelo decreto-lei n.º 29.171 hoje publicado no «Diario do Governo» foi constituido, com a denominação de Ordem dos Medicos, o Sindicato Nacional dos Medicos.

A Ordem dos Medicos regular-se-á pelos estatutos anexos ao decreto, do qual fazem parte integrante, tambem hoje publicados na folha oficial.

Damos a seguir algumas breves notas tendentes a dar a conhecer o espirito que anima o estatuto da classe medica e os objectivos que o norteiam.

A Ordem dos Medicos exerce a sua actividade no plano nacional, em colaboração com o Estado, e com respeito absoluto pelos interesses da nação, e tem por fim o estudo e defesa dos interesses profissionais, nos seus aspectos moral, economico e social.

Dá cumprimento aos seus fins por meio do conselho geral, com sede em Lisboa, dos conselhos regionais de Lisboa, Porto e Coimbra, e das delegações provinciais.

Estabelece-se, nos estatutos, que ninguem pode exercer a medicina sem estar inscrito na Ordem. Vêm, depois, os deveres dos medicos, atinentes a manter o prestigio da corporação, e os seus direitos.

E' defeso ao medico, quer singular quer colectivamente, por iniciativa própria ou alheia, qualquer especie de reclamo por via de circulares, anuncios, noticias ou entrevistas nos jornais e outras formas de publicidade, bem como agenciamento de clientela por si ou por interposta pessoa, mas não se considera publicidade defesa a tabuleta com a simples enunciação do nome do medico, titulos oficiais e especialidade e o anuncio nos jornais nas mesmas condições.

E' absolutamente vedado dar consultas medicas ou prestar serviços clinicos, remunerados ou gratuitos, nos seguintes locais: farmacias ou suas dependencias, laboratorios quimicos, drogarias ou quaisquer estabelecimentos que vendam produtos farmaceuticos e bem assim nos estabelecimentos de outro genero ou dependencias dos mesmos em que por qualquer titulo intervenham proprietarios de farmacias, farmaceuticos, droguistas ou seus empregados.

A assembleia geral reune em Lisboa e é constituida por delegados eleitos pelas assembleias regionais na proporção dum delegado por cada cem medicos ou fracção inscritos na respectiva secção regional.

Os corpos dirigentes da Ordem são os seguintes: Conselho geral; conselhos regionais de Lisboa, Porto e Coimbra; delegações provinciais.

Um dos fins da Ordem é instituir uma caixa de previdencia (existe actualmente a Caixa de Previdencia dos Medicos Portugueses).

As penas disciplinares aos membros da Ordem são: advertencia; censura; multa de 100$00 a 5.000$00; suspensão temporaria até um ano; expulsão.

A questão colonial

O dr. Oswaldo Pirow foi recebido pelo chanceler do Reich

BERCHTESGADEN, 24.—Pirow, ministro da Defesa Nacional da União Sul Africana, chegou esta manhã, ás 11 horas, para a sua anunciada visita ao Fuehrer chanceler.

A' sua chegada ao Berghof, Pirow foi saudado por von Ribbentrop, que o conduziu junto do Fuehrer chanceler. Este recebeu o hospede sul africano da forma mais cordial.

Pirow deixára, ontem de manhã, Munich, de automovel, sendo acompanhado pelo conselheiro de legação von Halen, com destino a Berchtesgaden, onde foi saudado, no grande hotel, pelo chefe da chancelaria presidencial, ministro de Estado dr. Meissner.

Quando da chegada de Pirow, uma companhia de honra da guarda pessoal do Fuehrer prestou ao ministro sul africano honras militares.

O ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich e os ajudantes de campo do Fuehrer chanceler, conduziram Pirow até ao atrio do Berghof.

A entrevista de Pirow com o chanceler iniciou-se então na presença do ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich.

Pirow é acompanhado pelo ministro da União Sul Africana em Berlim, Gie. —(D. N. B.).

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

UM CAUTELEIRO COM SORTE

RECEBEU 20 CONTOS

que lhe tinham roubado

e está em vesperas de receber mais

Ha cêrca de um ano, como então noticiámos, os gatunos, por meio de arrombamento, furtaram grande quantidade de objectos de ouro numa casa de penhores da rua de Santa Marta. Foram passadas buscas em varias casas suspeitas, sendo presos alguns individuos para averiguações.

Entre eles apareceu um com diversos objectos de ouro, negando, no entanto, que fôsse o autor do furto. Depois de varios interrogatorios, o referido individuo, para justificar a proveniencia do dinheiro com que comprou os objectos de ouro que trazia consigo e com que pagou diversos passeios de automovel, acabou por declarar que havia furtado 60 contos a um cauteleiro que se deixara dormir encostado a uma mesa duma casa de pasto, em Alcantara.

Ao cabo de varias investigações feitas pelo sr. dr. Rodolfo Lavrador e pelo chefe Amado, foi encontrada a vitima—que não se tinha queixado. Era o cauteleiro conhecido pelo «Zé Gordo».

A Policia, entre valores e dinheiro, ainda apreendeu cêrca de 20 contos.

O autor do roubo, José Antonio Ferreira Dias, conhecido pelo «Porto», afirmou que os restantes 40 contos foram gastos em pandegas.

Foi enviado para o tribunal, assim como os seus cumplices, sendo todos condenados a pena maior.

Ha dias, o «Porto», que se encontra na cadeia de Monsanto, combinou com outro recluso, José Costa, um plano de fuga, dando-lhe como compensação do seu trabalho, 1.500$00.

O Costa, uma vez na posse desta importancia, disse-lhe:

—Não penses que eu te prepare o plano para a tua fuga. Não quero compromissos.

—Então, nêsse caso, dá cá os 1.500$00 que eu te entreguei para esse fim.

—Esse dinheiro é que tu não vês mais!

—Vou queixar-me!

—Não caias nessa. O dinheiro que me entregaste faz parte do que roubaste ao «Zé Gordo». E *ladrão que rouba a ladrão*

E a discussão prosseguiu nêste tom.

O agente Morais teve conhecimento do caso e começou a proceder a investigações, visto suspeitar de que parte do dinheiro estivera enterrado e outra nas mãos de algumas pessoas. Têm-se feito varias buscas e outras diligencias para a apreensão de valores e para se descobrir o local onde o dinheiro está enterrado.

O cauteleiro «Zé Gordo», que nunca se queixou, por julgar o dinheiro perdido, e que ainda no começo das investigações recebeu cêrca de 20 contos, está possivelmente em vesperas de receber mais alguns contos. E' o que se chama um homem com sorte...

O desaparecimento do "Invencivel,

Morreram os seus 4 tripulantes

Apareceu sôbre uns rochedos entre a praia do Guincho e o Cabo da Roca o buque *Invencivel*, da praça de Olhão, pertencente a ocêrco do galeão *S. José III*. Como ontem dissémos, esse barco saíra na noite de 20 do corrente para Lisboa, carregado de sardinha, não tornando a ser visto pela tripulação do galeão.

Foi a tripulação do buque *Mato Grosso* que ontem á noite, regressando da pesca, encontrou no local acima referido, o *Invencivel*.

Apenas está fora de agua o mastro. Hoje, na praia do Guincho foram encontrados, a sua lancha e o seu salva-vidas. Esta tarde foi ao local o galeão *S. José III*, levando o sr. Mateus do O' Ventura, delegado da empresa proprietaria do barco. Durante algum tempo, fizeram-se pesquizas para se vêr se se encontrava algum dos cadaveres dos quatro tripulantes, não dando a diligencia resultado.

O sr. Mateus do O' Ventura esteve depois na Policia Maritima.

A catastrofe de Santa Lucia

Não se sabe de 250 pessoas

PORT CASTRIES, 24—As chuvas causaram nova avalanche. As brigadas de salvamento tiveram que interromper os socorros devido á imminencia do perigo. Até agora faltam 250 pessoas e as autoridades declaram que, sem duvida, nunca se conhecerá o numero exacto dos mortos. A população dos arredores de Ansereley teve que ser evacuada, pois apareceu uma fenda na montanha e receia-se um desabamento ainda mais importante do que os anteriores.—(Havas)

O INSTITUTO BRITA.

A Inglaterra deseja tor

a antiga alianç

declarou-nos hoje lo

Lord Lloyd of Dolobran, presidente do Conselho Britanico das Relações Exteriores e seu representante na inauguração do Instituto Britanico em Portugal, recebeu hoje os jornalistas na embaixada de Inglaterra.

Com afavel elegancia começou lord Lloyd por dizer do espirito de «The British Council» que equivale ao do nosso Instituto para a Alta Cultura e interpreta os desejos do povo inglês para uma mutua simpatia e compreensão de caracter civilizador.

Depois de agradecer o honroso acolhimento que lhe tem sido feito em Portugal, focando a imponencia da sessão de ontem na Academia das Ciencias para inauguração solene do Instituto Britanico, e a assistencia do sr. ministro da Educação Nacional, quis lord Lloyd agradecer as referencias que a si e ao Instituto tem feito a Imprensa portuguesa.

Depois o presidente do Conselho Britanico das Relações Exteriores fez esta declaração:

—O objecto principal da minha visita a Portugal é, como calcularão, o do desejo da Inglaterra cimentar e tornar ainda mais solida a antiga Aliança Anglo-Portuguesa.

Referindo-se especialmente ao Instituto Britanico em Portugal disse lord Lloyd que ele servirá para lugar de permanente entendimento de portugueses e ingleses, para centro de informação acêrca do povo inglês, tornando-o ainda mais conhecido dos portugueses através da sua literatura.

—O Instituto Britanico destina-se, duma maneira geral, a informar o mundo dos varios aspectos da nossa cultura, dos seus grandes empreendimentos na India, na Africa, no Sudão, da ciencia, em que a Inglaterra não tem rival, dos seus progressos na aeronautica, com os quais alcançou tantos «récords», e em todos os campos da cultura, das artes.

E, ampliando o sentido da sua afirmação até ao campo politico e imperial:

—O Imperio Britanico, e os povos dos seus dominios, têm aspirações de progresso e actividade como nenhuma outra nação. E é com o seu mais velho amigo e aliado, com Portugal, que a Inglaterra deseja partilhar este empreendimento, mantendo no mais alto grau as boas relações de amizade com o Imperio português.

E, dizendo isto, lord Lloyd fez um alto na entrevista, marcando toda a importancia da declaração feita.

Depois com todo o prestigio do seu alto cargo, mas com grande simplici-

O embaixador in

fez declarações sobre a guerra

TOQUIO, 24. — «Desde Chang-Kai-Chek até aos mais humildes chineses, encontrei, por toda a parte, a mema determinação de continuar a resistencia contra o Japão»—declarou sir Archibald Clark Kerr, embaixador inglês na China, durante uma entrevista que concedeu ao representante do jornal «Nichi-Nichi».

«Não acredito—prosseguiu o diplomata inglês—que Chang-Kai-Chek esteja fazendo «bluff». Da viagem que acabo de fazer ao interior da China, trago verdadeiramente a impressão de que a guerra começou simplesmente».

Interrogado a proposito da mediação, sir Archibald Kerr declarou: «A Grã Bretanha sentir-se-ia feliz em oferecer os seus oficios, em qualquer ocasião, se lhos solicitassem. Está mesmo pronta a desempenhar tal papel, mas tanto a China como o Japão parece não querer a paz. Por esse motivo, não posso revelar os planos do meu país.

Durante as minhas conversações com o marechal—disse—a Grã Bretanha nunca adoptou uma atitude positiva quanto a uma conferencia de paz. O proprio Chang-Kai-Chek não pronunciou a palavra paz».

ICO EM PORTUGAL

nar ainda mais solida

luso-britanica

l Lloyd of Dolobran

dade, foi ao encontro da actualidade internacional:

—Há já algum tempo que reina a tendencia de se pintar o Imperio Britanico como estando fora da actualidade, afastado das ideias modernas, opinião esta a que não podemos ligar importancia. Estamos fartos de dizer ao mundo que a crise geral deve ser suportada em conjunto, com a solidariedade de todos.

Um sorriso de boa compreensão, e a entrevista deslisou para um tom mais intimo, mais pessoal.

—Estou realmente encantado de estar em Portugal, e sinto ter que regressar já a Inglaterra. Saio amanhã, para o Porto, onde há uma importante colonia inglesa que quere ter a bondade de me receber, e onde há o famoso vinho do Porto, tão conhecido dos ingleses que sabem tão bem das suas excelencias como dos seus perigos.

Rindo francamente, acrescentou lord Lloyd que além de tudo tem interesse em conhecer o Douro e praias vizinhas do Porto, porque gosta do mar, dos desportos nauticos. Do Porto irei á Pampilhosa tomar o «sud» para França, depois para Londres.

Finalmente, não esquecendo a sua condição de antigo combatente, aludiu lord Lloyd á visita que ontem fez á Liga dos Combatentes da Grande Guerra, ao prazer que sentiu em estar com os oficiais que o receberam, em ver recordações da guerra.

E terminou:

—Está muito bem a instalação da Liga, que deve manter o seu espirito, e está bem que Portugal mantenha a recordação da sua entrada na Grende Guerra, o seu sacrificio.

Lord Lloyd recebeu hoje de Londres diversos telegramas de altas personalidades britanicas a felicitá-lo pelo seu notavel discurso pronunciado ontem na sessão inaugural do Instituto Britanico em Portugal, e pela inauguração do mesmo Instituto.

O embaixador de Inglaterra oferece esta noite um banquete em honra do sr. ministro da Educação Nacional e a que assistem, além de lord Lloyd, os srs. embaixador Teixeira de Sampaio, professor Celestino da Costa, engenheiro Leite Pinto, dr. Fernando Bettencourt, Garland Jayne, E. S. Ragg, G. Graham, S. West, W. Jennings, Oswald Scott, conselheiro de embaixada, os adidos militar e naval e de aeronautica, major Jayne, comandantes Owen e Chamberlayne, e o secretario sr. Hogg.

glês na China

sensacionais sino-nipónica

Kerr desmentiu que a Grã Bretanha esteja disposta a conceder creditos á China ou ao Japão.

Como o correspondente do «Nichi-Nichi» lhe preguntasse:—«Como é que o regime de Chang-Kai-Chek pode ser tão unido como afirmais? E verdadeiramente surpreendente, não lhe parece?

O embaixador inglês respondeu:

—Vós, os japoneses, é que sois responsaveis. A principal origem da unificação e da consolidação dos membros do governo nacional chinês está na vontade do povo chinês de resistir ao Japão.

E' a primeira vez, desde a queda de Han-Keu, que o publico japonês é posto na presença de afirmações tão categoricas quanto á continuação de resistencia chinesa, cujo desmoronamento a imprensa japonesa dizia cotidianamente estar para breve.—(Havas).

O prosseguimento das hostilidades

HONG-KONG, 24—Grandes forças japonesas chegaram até á fronteira da concessão de Hong-Kong e combateram os chins. Até agora os combates travavam-se para além destes limites. Assim acabam as ultimas fontes de alimentação para a colonia chinesa.—(Havas).

UMA CONFERENCIA INTERESSANTE

O general Norton de Matos

fala esta noite na Ordem dos Engenheiros

Os jornais anunciaram que hoje á noite realizaria, na Ordem dos Eengenheiros, em Lisboa, uma conferencia, o sr. general Norton de Matos. E, como, além de tudo, se não dizia qual o problema que o ilustre oficial abordaria, achámos interessante preguntar-lho.

—O tema da minha conferencia—disse-nos o distinto militar—é este: «A fotogrametria perante a urgencia de trabalhos topograficos e cadastrais em Portugal».

—E pode dar-me uma sintese do que vai dizer?

—Com muito gosto. Começarei por afirmar—e por justificar—que considero da maior urgencia a elaboração da Carta Cadastral e da Carta de Fomento da metropole e das cartas corograficas das colonias. Adiaram-se até hoje esses trabalhos de vital interesse para a Nação e para o seu Imperio Colonial, em face de dois obstaculos; o tempo que levaria a sua execução e a enormidade da despesa a fazer. Ora recentes aplicações praticas de novos processos de topografia, baseadas nas fotografias terrestres ou aereas ,do terreno, tornaram consideravelmente mais rapidos e mais economicos os levantamentos topograficos e a elaboração de cartas corograficas.

O sr. general Norton de Matos apresentará, seguidamente, com grande desenvolvimento, aqueles metodos fotogrametricos que, entre tantos hoje seguidos, julga os melhores para a execução dos urgentes trabalhos de cartografia indicados.

—Depois desta parte tecnica da minha conferencia, demonstrarei que a carta cadastral não deve ter curvas de nivel e que devem ser nelas empregadas escalas diferentes, conforme a menor ou a maior divisão de propriedades. Preconisarei para a carta cadastral a utilização da carta fotografica, pois julgo inutil e até prejudicial para uma carta cadastral a carta grafica á maneira classica.

—Quanto á Carta de Fomento...

—Entendo que deve iniciar-se conjuntamnte a carta cadastral, ainda que tenha de se concluir depois desta. A Carta de Fomento deve levantar-se na escala 1/5000 com curvas de nivel equidistantes de 2 metros e meio. São trabalhos em grande parte comuns, pois basta para as duas cartas fotografar uma unica vez o terreno.

—Quanto tempo é necessario para concluir as duas cartas?

—A Carta Cadastral pode concluir-se em 8 anos e a Carta de Fomento em 15.

—Quanto ás cartas coloniais...

—Aconselho o metodo de triangulações aereas. Com uma despesa quatro a cinco vezes menor do que a exigida pelos processos classicos, conseguir-se-ão cartas na escala 1/100.000 com curvas de nivel equidistantes de 50 metros, mais completas, quanto aos pormenores do terreno e mais rigorosas do que a actual carta corografica da metropole.

O PORTO pelo telefone

General Schiappa de Azevedo

PORTO, 24.—Por ter terminado a sua brilhante carreira militar, atingindo o limite de idade, deixou hoje o comando da 1.ª Região Militar o ilustre general Schiappa de Azevedo que no Porto contava numerosas e vivas simpatias.

O distinto oficial seguiu no rapido da tarde para Lisboa e teve na estação de S. Bento uma afectuosa despedida por parte de muitas entidades oficiais e particulares.

Acção de anulação de casamento

No tribunal do Palacio da Bolsa, continuou hoje, secretamente, o julgamento da acção de anulação de casamento posta pela sr.ª D. Otilia Madureira de Oliveira contraseu marido, o comerciante sr. Carlos Ribeiro de Figueiredo.

Começou a inquirição das testemunhas, que são cêrca de cinquenta.

A audiencia não deve terminar antes de sabado.

A guerra civil em Espanha

Soldados vermelhos que regressam

TARBES, 24. — Quinhentos soldados das fôrças de Barcelona libertados pelos nacionalistas passaram, na quarta-feira, de manhã, na estação de Tarbes, vindos de Hendaia. O comboio dirigiu-se para a Catalunha, via Cerberes.—(Havas).

Execução em Berlim

BERLIM, 24. — Foi executado esta manhã Hans Hahn, condenado ontem á morte pelo tribunal especial de Berlim, por haver assassinado o motorista de taxi Taubel.—(Havas).

VIAJANTES ILUSTRES

Os duques de Nemours

e a compra dum palacio nos arredores de Lisboa

A noite passada, chegaram a Lisboa, no rapido do Porto, dois viajantes ilustres que na capital do Norte foram carinhosamente acolhidos: Charles Philippe de Orléans, duque de Nemours, de 33 anos, filho dos duques de Vendôme, que foi secretario do famoso banqueiro Lowenstein, e sua esposa, Margaret Watson, uma rica e distinta senhora norte-americana que com ele casou civilmente, em 1928, em Inglaterra. Regressam de Burgos, onde foram oferecer ao generalissimo Franco três ambulancias para os serviços de saude do exercito nacionalista espanhol.

Interrogados pelos jornalistas, recusaram-se a fazer declarações, por considerarem a sua viagem a Portugal meramente particular, despida de interesse para o publico.

Hoje, de manhã, sairam do hotel onde se hospedaram, visitando demoradamente os pontos mais pitorescos e os edificios e monumentos mais interessantes da capital.

O que despertou mais a curiosidade dos jornalistas foi a circunstancia do duque de Nemours ser por parte de sua mãi, a duquesa de Vendôme, sobrinho do rei Leopoldo da Belgica e neto da rainha Isabel, cuja visita a Portugal se anuncia para breve. Chegou até a constar que esta viagem do duque de Nemours se relacionava com a projectada compra duma propriedade apalaçada, nos arredores de Lisboa, onde a viuva do rei Alberto viria passar alguns meses.

Julgamos poder afirmar que a viagem do jovem duque francês e de sua esposa nada tem com o assunto. A rainha Isabel da Belgica deseja, de facto, comprar perto de Lisboa um palacio para sua mãi, a senhora D. Maria Eugenia, duquesa da Baviera. Entabularam-se negociações para a aquisição do palacio que os marqueses de Penafiel possuem á entrada de Loures. Ai passaria a residir parte do ano aquela ilustre senhora e seria muito natural que no mesmo palacio viesse passar algum tempo a viuva do Rei-Soldado.

De ontem para hoje

Em Lisboa

- **Vindos da Espanha, chegaram os duques de Nemours.**
- **Chegou o professor Lucien Paul-Thomas, catedratico da Universidade de Bruxelas.**

Na provincia

- **No lugar de Celeiros, freguesia de Anciães (Amarante) o caldeireiro Domingos Moreira assassinou barbaramente á punlada o pedreiro Manuel Teixeira, o «Manuel dos Passarinhos», de 40 anos.**
- **Proximo de Castelo Branco, uma furgoneta atropelou mortalmente a menor Arminda da Conceição, de 6 anos.**
- **Na freguesia de Codeceira abateu uma mina, o que provocou a morte do operario Constantino Amaral, de 26 anos.**
- **Na estrada de Lumiares (Armamar) um cabo de alta tensão atingiu na queda Manuel Cavador Velho, que morreu electrocutado.**

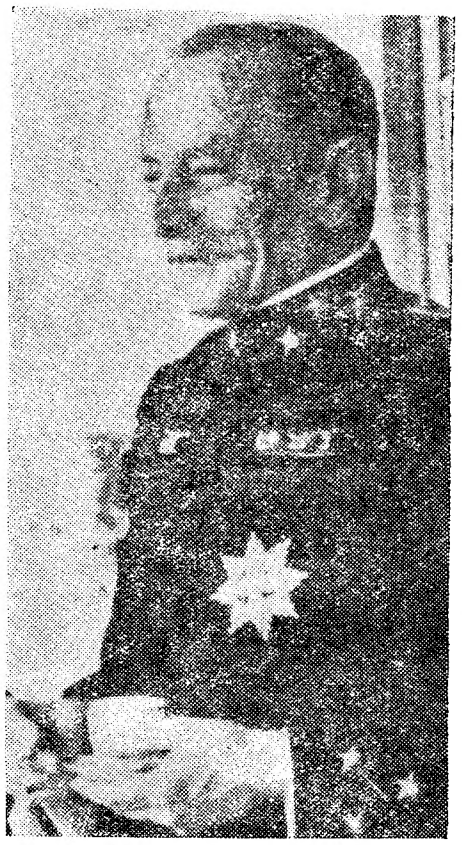
No estrangeiro

- **A noticia da assinatura proxima de um acôrdo de amizade de franco-alemão causou, em Londres e em Roma, boa impressão.**
- **A' sua chegada a Paris, Chamberlain e Halifax tiveram uma calorosa recepção. Foi-lhes oferecido um banquete por Daladier.**
- **Anuncia-se, em França, uma greve geral, com a participação do funcionalismo publico, para protestar contra as ultimos decretos-leis.**
- **Os judeus estrangeiros que vivem no Reich serão isentos do pagamento da multa de um bilião de marcos.**
- **Cordell Hull declarou que a devolução ao Reich das antigas colonias da Africa Ocidental, não trará qualquer ameaça para a segurança das nações do continente americano.**

ANIVERSARIO NATALICIO

O sr. general Carmona

foi cumprimentado pelo governo e outras entidades



GENERAL CARMONA

O aniversario do venerando Presidente da Republica, sr. general Carmona, é sempre motivo de jubilo para todos os portugueses admiradores da sua obra na suprema magistratura da Nação, do seu caracter justo e bondoso e da sua lucida inteligencia.

O «Diario de Lisboa» associa-se ás manifestações de que hoje foi alvo o sr. general Carmona, e faz votos pela saude do Chefe do Estado e pelas suas felicidades, desejando-lhe longa vida.

Os cumprimentos em Cascais

Por motivo do seu aniversario, o Chefe do Estado recebeu durante a tarde na cidadela de Cascais os cumprimentos de numerosas entidades oficiais e particulares. Pelas 15 e 30, chegou a Cascais o sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado por todos os ministros e sub-secretarios de Estado. O sr. Presidente da Republica recebeu imediatamente todos os membros do Governo com os quais conversou animadamente durante alguns minutos.

Pouco depois, o sr. general Carmona recebeu as saudações do Grupo das Emissões pelo Imperio cujo presidente, o estudante sr. Cirilo Damião, apresentou cumprimentos em nome de todos os estudantes das nossas provincias ultramarinas, palavras que o Chefe do Estado agradeceu, afirmando que aquela manifestação era, de entre todas, aquela que mais fortemente impressionava a sua sensibilidade por partir da gente nova na qual todos temos razão para depositar as melhores esperanças.

Estiveram depois a cumprimentar o sr. Presidente da Republica as comissões politicas da União Nacional e as juntas de freguesia de Lisboa, bem como as crianças das escolas de Cascais protegidas pela sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona. No patio da cidadela via-se uma simpatica guarda de honra constituída pelas crianças da Escola Oficina de Cascais.

Até á hora de fecharmos o nosso jornal estiveram em Cascais a saudar o Chefe do Estado diversos oficiais generais do Exercito e da Armada, e oficiais de outras patentes, além de numerosas individualidades civis.

Durante a tarde o Chefe do Estado recebeu centenas de telegramas e cartas de saudação de todos os pontos do país.

Apreensão e venda de minerios

Um decreto de hoje estabelece as normas que de oravante devem presidir á organização e julgamento dos processos de apreensão e venda de minerios.

Uma simples pressão

e ouvirá com a maior perfectibilidade a estação desejada. Sintonização automatica por teclas que em sua propria casa efectuará

Tipo 660

PHILIPS

Som incomparavel
Inegualavel recepção em onda curta

Peça uma demonstração nos estabelecimentos dos revendedores autorizados, ou na Sala de Exposição, Avenida da Liberdade, 3

PRODUTOS DE BELEZA

O encanto natural da mulher que quere conservar a sua beleza deve ser completado com uma escolha criteriosa de produtos de beleza.

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA embelezam, provocam e conservam o encanto. Para peles normais deve substituir-se o sabonete pela PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, que refresca, torna a pele fina, transparente e aveludada. Preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Conserve a frescura do seu rosto com AGUA RAINHA DA HUNGRIA, que purifica a epiderme e limpa os poros. Use o PO' DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA e agulique na sua «toilette» os CREMES de dia e de noite que evitam rugas, tonificam e aveludam a epiderme.

Para cada caso especial da sua pele consulte a

Academia Scientifica de Belleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

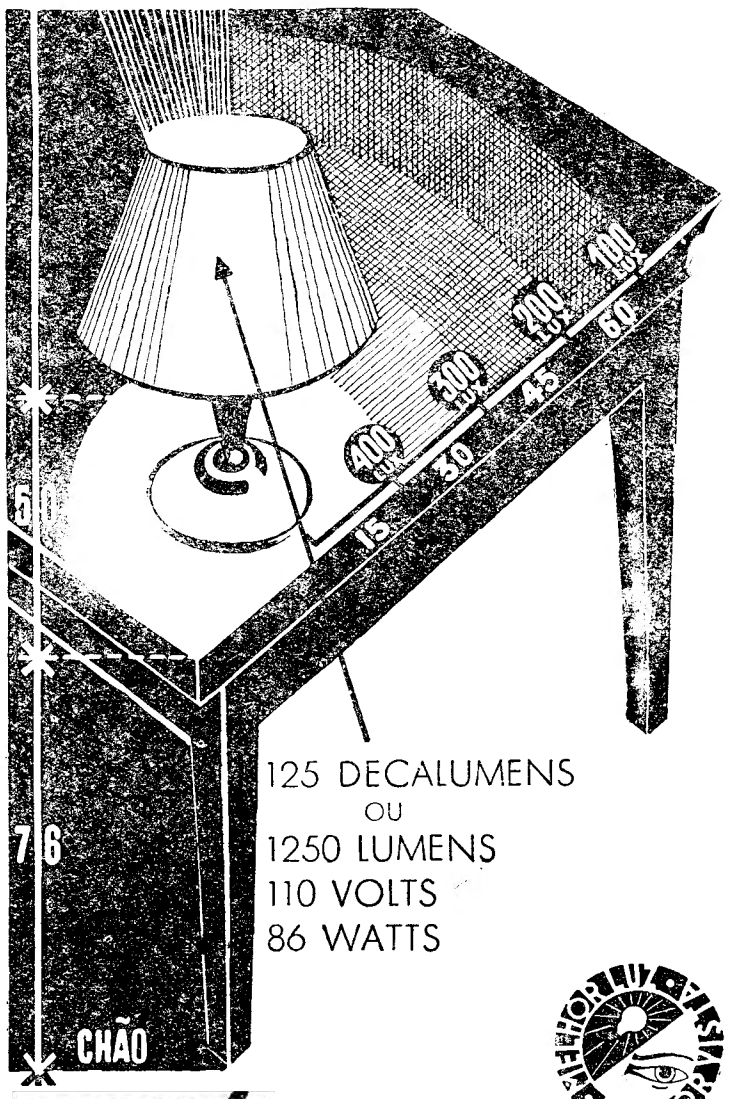
Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

POR 5$500

Semanais, todos podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, **com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas**, podendo o objecto ser adquirido á primeira prestação **somente por 5$00. F. de Sousa Torroais**, Rua de S. Paulo, 106. Telef. 26508.

PARA TER UMA ILUMINAÇÃO CONVENIENTE ESTUDE A POTÊNCIA DA LAMPADA QUE LHE SERÁ NECESSÁRIA



125 DECALUMENS
OU
1250 LUMENS
110 VOLTS
86 WATTS

COMISSÃO LUMINOTÉCNICA PORTUGUESA

Praça dos Restauradores, 53, 1. Telef.: 2 3997

Estamos na época invernosa

V. S.ª decerto precisa de agasalhos, sobretudos, gabardines, fatos, etc., etc., não hesite dirija-se desde já á Alfaiataria Fragoso, Rua da Prata, 266-1.º. T. 2 8168.

Esta casa tem expostos os mais lindos padrões das melhores procedencias; apresenta tambem gabardines feitas, a melhor marca «mundial».

Vendas a pronto e a prestações ao alcance de toda a gente.

Uma casa para o povo!

Almoce bem, economicamente, na

MARISQUEIRA POPULAR

Lanche as tradicionais iscas da casa. Coma mariscos frescos e bons. Beba cerveja bem tirada e com aperitivos. Saboreie os melhores vinhos do Pais.

207 — Rua dos Correeiros — 209

A prestações

Candieiros de electricidade, ferros de engomar, ventoinhas, cafeteiras, etc. Reparações em todas as marcas de receptores de Radio.

Grande existencia de peças sobrecelentes para receptores R. C. A.

Valvulas R. C. A.

ELECTRO LISBOA, L.DA

Rua Augusta, 246-248

Telef. 20568

Polvora REKORD

Pronta entrega

para qualquer quantidade

A polvora da actualidade

Pedidos á

Casa A. M. Silva

Rua da Betesga, 43 e 67, 2.º

Tel. P. B. X. 2 5424

Descontos especiais para revenda

Camara Municipal de Lisboa

Concurso publico para arrematação da empreitada da estrada de acesso a Lisboa pela Encarnação (troço da Portela a Encarnação).

Encontra-se aberto o concurso supra mencionado até ao dia 22 de Dezembro p. f., pelas 15 horas,

As condições e respectivo caderno de encargos serão publicados no «Diario Municipal» e ficarão patentes no Serviço de Património e Estatistica, no edificio dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Lisboa, em 23 de Novembro de 1938.

O Presidente,

Eduardo Rodrigues de Carvalho

Por sentença de 7 do corrente, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio litigioso de Albino Rodrigues de Almeida e Emilia Nunes Sequeira, moradores, aquele na rua Heliodoro Salgado, 68-2.º, esquerdo e esta em S. João de Loure, comarca de Albergaria a Velha.

Lisboa, 18 de Novembro de 1938.

O chefe da 2.ª secção da 1.ª vara, *Candido José de Carvalho.*

Verifiquei a exactidão.

O juiz substituto, *Pedro Pila*

Brandy Borges

com agua gasosa ou mineral é um aperitivo agradavel, economico e altamente tónico.

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARNOLDS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

TEMPORAIS NO ESTRANGEIRO

Prejuizos consideraveis em Inglaterra

LONDRES, 24 — Atravessando as ilhas britanicas, de Oeste para Leste, a tempestade que soprou ontem durante todo o dia com velocidade que chegou a atingir 170 quilometros á hora causou treze mortos e numerosos estragos. Os serviços de transporte estiveram interrompidos durante algumas horas.

Ao fim do dia a tempestade diminuiu ligeiramente, mas o vento, sempre violento, impediu os navios de aparelhar. O proprio «Queen Mary» não pôde entrar em Southampton e teve que refugiar-se em Ryde. As manobras navais que deviam realizar-se na baía de Weymouth foram adiadas. E' a primeira vez desde a inauguração que a partida dos Serviços Imperiais não teve lugar no aerodromo de Southampton Ryde. Em numerosos pontos da costa os barcos de salvamento tiveram que socorrer embarcações. Não se assinala todavia nenhum acidente grave no mar. No País de Gales foram cortadas 650 linhas telefonicas.—(Havas)

Lançamento á agua

dum couraçado inglês

LONDRES, 24—No Palacio de Buckingham anuncia-se oficialmente que o rei e a rainha assistirão, no dia 21 de fevereiro, ao lançamento ao mar do couraçado «King George» em Newcastle. Os soberanos visitarão, em seguida, as regiões miseraveis de Nordeste.—(Havas)

SAPATOS HA MUITOS...
Mas os mais ALTAS QUALIDADES aos mais BAIXOS preços: SÓ na PERSA, Ld., nova Sapataria situada na Rua do LORETO, 48. 50 — onde V. Ex.ª encontrará a par de todo o genero de Calçado OS MAIS LINDOS MODELOS em «BORDOAX», verde, azul, etc., assim como grande variedade de BOTAS DE BORRACHA inglesas da celebre marca «DONLOP», que garantimos por 3 anos!
Lisboa — FONE 2.2424
Distribuição de BALÕES aos nossos clientes

Uma serie de desastres

Barcos de pesca afundados

MILÃO, 24—Uma grande tempestade que se faz sentir na costa de Istria causou, em Pola, estragos consideraveis. Um grande numero de edificios ficou danificado, varios barcos de pesca afundaram-se. Em Fasana perderam-se, aproximadamente, cinquenta barcos de pesca. O vapor «Procida» de Napoles, deslocando oito mil toneladas, encalhou no canal de Arsa. A tripulação conseguiu salvar-se.—(D. N. B.)

Explosão de acetilene

GENOVA, 24—No desabamento dum estabelecimento da cidade deu-se uma explosão de acetilene. Dos escombros foram retirados quatro mortos e nove feridos.—(Havas)

Catastrofe ferroviaria

ROMA, 24—Eleva-se agora a 12 o numero de vitimas do acidente de caminho de ferro ocorrido na terça-feira na linha de Udina a Cividale. Faltam ainda 10 passageiros.—(Havas)

A crise hungara

Horthy não deu a demissão a Imredy e adiou os trabalhos parlamentares

BUDAPESTE, 24.—Horthy recusou-se a dar a demissão a Imredy e adiou os trabalhos parlamentares até ao dia 1 de dezembro. Até aquela data, o regente continuará as consultas para resolver a crise e Imredy conservará a direcção dos negocios publicos.

Esta manhã houve uma sessão tempestuosa na Camara dos Deputados, onde Imredy anunciou a demissão do governo.—(Havas).

Navio escola em perigo

LORIENT, 24. — Encontra-se em perigo, no golfo da Gasconha, um navio escola finlandês, com 27 marinheiros e 60 cadetes a bordo.

Saiu em seu socorro um rebocador da esquadra francesa do Atlantico.—(Havas).

Declarou-se incendio

em dois lugares frequentados pelos artistas de Holywood

SANTA MONICA (California), 24—Um incendio destruiu centenas de hectares nos arredores de Santa Monica e Maliboubeach, lugares muito frequentados pelos artistas de Hollywood

O incendio obrigou milhares de pessoas a abandonarem as suas moradas e, como o vento continua a soprar, o fogo ameaça as «villas» daquelas duas localidades. Nos vales de Los Flores, Temeschal e Santa Inês foram destruidas numerosas habitações, algumas das quais pertencentes a estrelas de Hollywood.

Na montanha de San Bernardino declararam-se três novos fócos de incendio. Não se assinala nenhuma vitima até agora, mas receia-se que diversas pessoas não tivessem tido tempo de fugir. Os bombeiros de Los Angeles e de outras cidades vizinhas combatem o sinistro.—(Havas)

Relações germano-italianas

Uma troca d eexpressivos telegramas

BERLIM, 24—Rust, ministro da Instrução Publica do Reich, dirigiu a Bottai, ministro da Instrução Publica de Italia, um telegrama por ocasião da assinatura do acôrdo cultural germano-italiano.

Neste telegrama Rust garante, em relação á intensificação da colaboração cultural, que as escolas e as universidades alemãs farão tudo para realizar o espirito do acôrdo de cultura. Trocando as suas riquezas intelectuais, os laços de amizade entre os dois povos tornar-se-ão ainda mais estreitos.—(D. N. B.)

GABARDINES
Não compre sem visitar a
«DIPLOMATA»
O moderno estabelecimento na
RUA AUGUSTA, 179

Konoye condecorado

com a Ordem da Aguia Alemã

TOQUIO, 24—O embaixador da Alemanha entregou hoje, ao Principe Konoye, a grã-cruz da Ordem da Aguia Alemã, com que Hitler acaba de condecora-lo.

Konoye declarou que continuará a sua luta pela amizade nipo-alemã, contra a internacional comunista.—(D. N. B.)

Leilão de livros

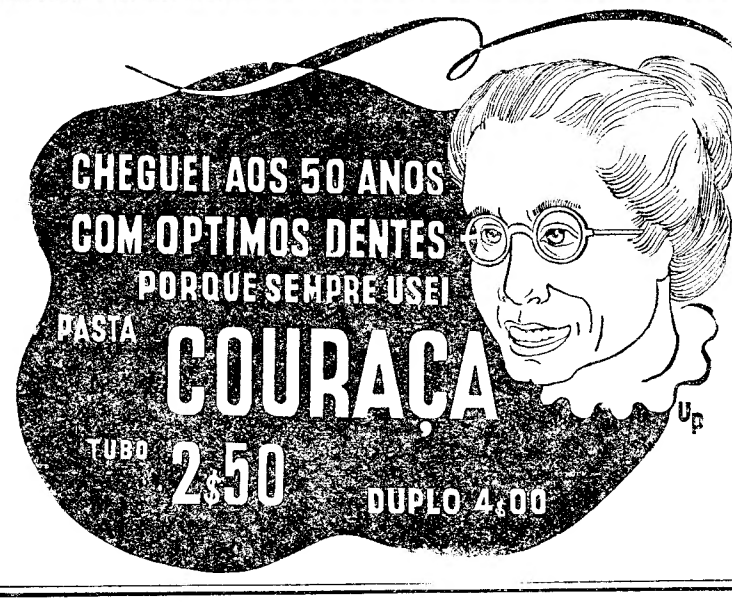
Continua esta noite ás 21 horas no Palacio Farrobo, R. do Alecrim, 70 o leilão da preciosa biblioteca que pertenceu a um famoso bibliofilo.

CIGARROS 100% VIRGINIA. *Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta.*
CARRERAS LTD. LONDRES.

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

A GABARDINE
uns a tiram... outros ADÃO...

aos preços de 330$ 390$ 450$ sendo a sua confecção a mais perfeita e duma grande impermeabilidade, a prestações semanais com ou sem sorteio.
compre uma Milorde na camisaria ADÃO
RUA AUGUSTA · 238·240 · TEL. 24064



A' venda em toda a parte
Deposito: Pestana Branco & Fernandes Lda. — Lisboa.

Carpetes — Tapetes — Passadeiras — Alcatifas, etc.
Lopes dos Santos, L.da
Rua Augusta, n.os 82 e 84
Telef. 2 3637

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom Rádio
oiçam! examinem! confrontem o rádio mais belo do mundo
Agentes Gerais
COSTA & BRITO LDA.
Rua da Conceição, 35-1.º

O MOMENTO INTERNACIONAL

Começaram esta manhã no Quai d'Orsay

as conversações entre os ministros ingleses e franceses

Chamberlain e Daladier

PARIS, 24—Chamberlain e Halifax chegaram ás 10 horas ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

As conversações anglo-francesas começaram esta manhã no «Salão da Rotunda» do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Logo que chegaram ao Quai d'Orsay, aqueles homens de Estado ingleses foram introduzidos no salão, onde Bonnet os aguardava rodeado pelos seus colaboradores. Daladier chegou alguns minutos mais tarde. Parecia particularmente bem disposto. Logo a seguir os continuos fecharam as portas e a conferencia começou imediatamente.—(Havas)

Um almoço oferecido por Lebrun

PARIS, 24.—As conversações franco-britanicas, que começaram ás 10 e 15, foram interrompidas ás 12 e 30. Chamberlain e Halifax, depois de terem regressado á embaixada britanica, dirigiram-se ao Eliseu, a-fim-de assistirem ao almoço que Lebrun dá em honra do primeiro ministro inglês e esposa, assim como de Lord e Lady Halifax.

Os colaboradores das delegações britanica e francesa assistiram igualmente ao almoço, bem como o embaixador britanico em Paris, o embaixador francês em Londres, Herriot, presidente da Camara, Jeanneney, presidente do Senado, Daladier, Bonnet, e os ministros da Marinha, Ar, Comercio, Colonias e Economia Nacional.—(Havas).

PARIS, 24—Anuncia-se oficialmente que hoje á noite Chamberlain e Daladier farão declarações sobre o resultado das conversações franco-britanicas, iniciadas de manhã no Quai d'Orsay.

As declarações dos dois estadistas são aguardadas com grande interesse e ansiedade nos circulos politicos e no publico em geral.—(U. P.)

A Imprensa de Londres não faz prognosticos, por enquanto

LONDRES, 24.—Os jornais londrinos publicam longos relatos da viagem dos ministros ingleses a Paris, mas abstêm-se geralmente de fazer prognosticos relativamente ás conversações oficiais que começam hoje. A Imprensa conservadora nota, duma maneira geral, com satisfação, que a noticia do acôrdo franco-alemão vai constituir para a conferencia um fundo de quadro que não pode deixar de ser favoravel á politica de apaziguamento seguida de comum acôrdo, pelos gabinetes de Londres e de Paris. O «Daily Mail», por exemplo, vê no proximo pacto franco-alemão «uma magnifica extensão» da politica de apaziguamento.—(Havas).

Halifax e Bonnet

Comentarios dos jornais franceses á viagem Chamberlain-Halifax

PARIS, 24.—A Imprensa refere-se, com titulos enormes, á viagem dos ministros ingleses.

«Le Journal» escreve: «Neville Chamberlain, o homem da paz, recebeu de Paris um vibrante acolhimento». O «Petit Parisien» diz: «As conversações franco-britanicas abriram uma atmosfera de grande cordealidade.—(Havas).

Como a Imprensa de Paris recebeu a noticia do acôrdo franco-alemão

PARIS, 24.—Referindo-se ao acôrdo franco-alemão, o «Petit Parisien» escreve: «A França e o Reich concluiram um acôrdo de boa vizinhança e de consulta».

O «Excelsior »escreve: «O Reich e a França renunciam, pela declaração que será provavelmente assinada hoje em Berlim, a toda a agressão».

«L'Humanité» escreve: «Bonnet e Daladier vão em socorro dos incendiarios do III Reich».

«L'Homme Libre» chama o acôrdo instrumento diplomatico de grande importancia.

«O mais espantoso desta questão é a data da sua divulgação»—diz «L'Aube».

«L'Ordre» escreve: «A França está disposta a aceitar como unica garantia da sua segurança a palavra de Hitler?».

«Le Jour-Echo de Paris» diz: «Ha que aceitar o que nos oferecem. Recusar seria absurdo. O papel não é senão um tratado para o futuro».

O «Populaire» escreve: «O governo anuncia bruscamente a proxima publicação de uma «declaração» franco-alemã».—(Havas)

Voltou a reinar a inquietação por causa da Europa Central

LONDRES, 24.—Segundo o correspondente diplomatico do «Manchester Guardian», a viagem dos ministros britanicos a Paris coincide com a inquietação relativa á situação da Europa.

«O acôrdo de Munique—diz—não arranjou nada. Deixou a Europa, particularmente a Europa Central e Oriental, menos apaziguada do que antes».

Frisa a impotencia da comissão internacional, encarregada de liquidar a crise checa. As potencias ocidentais deixam fazer tudo e ainda recentemente a Alemanha reviu, de novo, as fronteiras checas, sem que ninguem se lhe opusesse. O artigo denuncia os manejos terroristas hungaro-polacos na Rutenia, a fim de tornar impossivel a existencia dêste novo estado. O conflito germano-polaco acentua-se e o autor do artigo denuncia a intenção da Alemanha de se apoderar da Ucrania polaca, o que equivaleria ao desmembramento da Polonia.

A Russia ficaria então cercada, pois depois da Ucrania, A Alemanha desmembraria a Russia. A intervenção da Russia no conflito germano-polaco não deteria, no entanto, a Alemanha, pois está convencida de que a U. R. S. S. é incapaz de sustentar uma guerra contra uma grande potencia.—(Havas).

O rei Carol e o principe Miguel visitaram hoje Adolfo Hitler

BERCHTESGADEN, 24.—O rei Carol da Romenia, acompanhado pelo principe Miguel, visitou hoje o Fuehrer, no Berghof.

O Fuehrer-Chanceler ofereceu um almôço em honra do soberano. Depois de numerosas visitas de homens de Estado, diplomatas, militares e personalidades de distinção durante estes ultimos anos, a presença do rei Carol da Romenia constituiu, depois da do rei Boris da Bulgaria, a segunda visita dum monarca reinante ao Berghof.

O rei Carol chegou ás 12 e 10, em comboio especial, á estação de Berchtesgaden, onde foi recebido por Meissner, ministro do Estado e chefe da chancelaria presidencial. O rei dirigiu-se imediatamente a Obersalzberg. A porta de honra, á saida da localidade, está engrinaldada e embandeirada com bandeiras romenas e alemãs.

O rei chegou a Obersalzberg ás 12 e 20. Nêste momento foi içada no Berghof a bandeira romena.

O Fuehrer, acompanhado de von Ribbentrop, dirigiu-se ao encontro do seu augusto visitante, desejando-lhe cordialmente as boas-vindas e conduzindo-o ao Berghof.

O Fuehrer e o soberano romeno tiveram, em seguida, uma entrevista, a que assistiu von Ribbentrop.—(D. N. B.).

Compre Calçado Economico
«AMIAL»

MAQUINAS DE ESCREVER
ROYAL
Economize 40 0|0 da Fabrica para V. Ex.ª comprando ao Agente exclusivo da Regal Typewriter Cy. Inc. de New York
A. S. MONTEIRO
Rua da Assunção, 42, 2.º—Telef. 2 9443

Hoje grande exito dos variados numeros de Music-Hall — a famosa orquestra **Almeida Cruz** no seu alegre e variado reportorio
ARCADIA

A LUTA ANTI-SEMITA

O embaixador do Reich em Washington deixou hoje os Estados Unidos

NOVA YORK, 24.—Dieckhoff, embaixador do Reich em Washington, embarcou para a Alemanha, no «Hansa».

Devia partir na sexta-feira no «Europe» e foi, talvez, para evitar manifestações hostis que adiantou a partida.

Um «reporter» que, tendo visto as malas com as iniciais do embaixador no vapor, assinalou a sua presença a bordo. Dieckhoff ficou surpreendido ao encontrar os jornalistas em frente do seu camarote.

Interrogado sôbre a possibilidade do seu regresso, declarou: «Não posso realmente dizer nada de momento. De facto é impossivel dizer o que quer que seja».

O embaixador deixa a esposa e uma filha em Washington. A Policia, prevenida da subita partida do embaixador, enviou fôrças para guardar o cais. Não se produziu nenhum incidente.—(Havas).

Uma declaração de Roosevelt

WARMSPRINGS (Georgia), 24.—Roosevelt mandou publicar ontem á noite a seguinte declaração:

«Informam-me que o numero de refugiados que vai ser autorizado a entrar na Palestina será aumentado e que muitas crianças vão ali encontrar asilo. Não tenho nenhuma forma de verificar esta informação, mas espero que esteja exacta.»

As pessoas que vivem na intimidade de Roosevelt recusam-se a divulgar a fonte da informação recebida pelo presidente.—(Havas).

Um manifesto publicado em Paris

PARIS, 24.—O «comité» nacional contra a guerra e o fascismo publica um apêlo insurgindo-se contra as medidas anti-semitas da Alemanha. Faz votos por que, por ocasião do encontro dos ministros franceses e ingleses estes imitem o exemplo dos Estados Unidos e signifiquem a sua reprovação de tais actos.—(Havas).

A situação dos judeus mestiços

BERLIM, 24.—Uma disposição de Hitler decide que os judeus «mestiços» poderão, doravante, ser nomeados soldados de primeira classe ou cabos. Não poderão, contudo, ser encarregados de funções que impliquem guarda.

Como se sabe, a lei militar proibe, em principio as nomeações de judeus «mestiços» para patentes do Exercito. Outra disposição, autoriza os militares austriacos, que passaram para o Exercito alemão, a usar as antigas condecorações austriacas.—(Havas).

As leis de Nuremberg em Dantzig

VARSOVIA, 24.—Devido á introdução das leis de Nuremberg na legislação da Cidade Livre, o governo polaco fez uma diligencia em Dantzig para que sejam salvaguardados, na aplicação daquelas leis, os direitos da Polonia e dos cidadãos polacos da Cidade Livre.—(Havas).

A defesa de Grynszpan

PARIS, 24.—Grynszpan será defendido por nada menos de 5 advogados, entre os quais Moro-Giafferi e Henri Torres.—(D. N. B.).

Modêlos
Linda passagem das ultimas novidades da **Casa da Russia** sabado, na matinée do **Capitolio.**

IMPERIUM ALMOÇOS JANTARES
CHÁS · LANCHES · BANQUETES RUA GARRETT 105

Tapetes Portuguêses
Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage — Alecrim, 71, 1.º — Telefone 20711.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

E' esta noite, que se estreia no Politeama, a famosa produção: «Branca de Neve e os Sete Anões», de Walt Disney.

O publico fica, pois, de hoje em diante, com duas casas de espectaculos, para poder vêr essa suprema obra prima do cinema. A sua dupla exibição é de enormes vantagens. Tem, pelo menos, estas: permitir ao publico escolher o cinema que lhe fica mais perto de casa e não ter que esperar dias e dias, visto que o Tivoli está tendo enchentes sucessivas.

«Branca de Neve e os Sete Anões» é o filme maximo do ano. Não é um exito ocasional, mas universal. O que se está passando, em Lisboa, sucedeu em Paris, Londres, New York, Berlim, etc. Nalgumas destas cidades, «Branca de Neve» está sendo exibido ha seis meses, em sessões ininterruptas. Centenas de portugueses que foram recentemente a Paris desistiram de a vêr, em virtude de não terem podido comprar bilhetes. Para essa e para todos os outros «Branca de Neve e os Sete Anões» surge, no Politeama, com uma serie de admiraveis complementos.

Atrás do reposteiro

Realiza-se amanhã, no Trindade, o espectaculo anual a favor da Escola-oficina n.º 1», benemerita instituição de ensino e de beneficencia, com a comédia «Perdi minha mulher».

—Realiza-se amanhã, no Royal-Cine, com um programa de cinema, variedades teatrais e uma sessão de fados, organizada pelo actor Alvaro Barradas, uma festa dedicada ao Orfeão Radiofonico Português, dirigido pelo maestro Dias Pombo.

—A Emissora Nacional radiodifunde hoje, pelas 21 e 10, o primeiro acto da revista «A rua da Paz», em cena no teatro Avenida. O segundo acto será transmitido amanhã, pelas 17 horas.

—O actor José Gambôa, que vai dirigir a sociedade artistica do Gimnasio, está já a escolher o repertorio que a companhia ali deve exibir até ao Carnaval.

«Prisão sem grades», no Odeon e no Palacio

Um grande filme, recordando outros de semelhante tema, como «Raparigas de Uniforme» e «Dormitorio de Raparigas», mas com aspectos novos. Neste caso trata-se duma casa de correcção, com velhas professoras e processos velhos, castigos corporais, prisão com grades. Um dia surge uma nova directora, bondosa, humana, com metodos novos—«Prisão sem grades». As prisioneiras passam a ser apenas pensionistas e a serem tratadas como pobres criaturas que, vitimas do abandono dos pais, ou da sua má educação, podem voltar ao bom caminho sem necessidade de violencias que seriam causas de maiores males, destruindo-lhes a mocidade, inutilisando-as.

Entre as educandas—transviadas, autoras acidentais do roubo dum par de meias ou doutra insignificancia—ha uma que está absolutamente inocente doutra culpa que não seja a do horror que sente pelo padastro, pelo homem que ocupou o lugar de pai. Prisioneira inocente, vitima de maus tratos das velhas professoras, ceage com frequentes tentativas de evasão. Até que a nova directora, bondosa e compreensiva, passa a facilitar-lhe as saidas, depositando nela uma confiança que se confirma por um fenomeno de psicologia que as velhas professoras não compreendem.

O processo de regeneração inicia-se assim, e o indulto chega ao mesmo tempo que o amor. O homem é o medico da Casa de Correcção, já transformada em Casa de Educação, e precisamente o noivo da directora bondosa a quem se deve a evolução, e a quem aquela educanda deve a salvação. Outras educandas, viciadas pela nicotina e pelo alcool, iam fazendo sossobrar a regeneração oficial da pobre que assim perderia o indulto, a liberdade; mas, a directora, bondosa até ao heroismo, sacrifica a felicidade que a esperava e, entregando-se definitivamente á sua obra, deixa a sua pupila ir reunir-se ao que ia ser seu noivo.

Além do choque dos processos, o da crueldade e o da bondade, tem este excepcional filme o interesse do conflito central que é tratado com inteligencia, com violencia, acreditando o seu realizador, o antigo montador de filmes Leonide Mogri, tão interessado na composição de «Prisão sem grades» que se sente a sua acção em todos os pormenores da representação, na interpretação geral, que é magnifica. Não só Corinne Luchaire, a grande revelação, tal como Simonne Simon em «Dormitorio de Raparigas», mas todos os interpretes, todos, velhas e raparigas, sobretudo as raparigas, representam admiravelmente, merecendo menção especial Ginette Leclerc e Anni Ducaux, e Roger Duchesne, o unico homem que intervem na representação deste filme que merece ser visto, que em Italia mereceu uma taça e a mais alta distinção da Bienal de Veneza.—*Visor 37.*

Irene Izidro, no Trindade

E' já do conhecimento do publico o exito da nova peça do Trindade, «Perdi minha mulher!» uma comedia cem-por-cento hilariante, graciosissima, dum dominio absoluto sôbre todos os publicos. Com a intervenção de Adelina Abranches e com duas criações admiraveis de Brunilde Judice e Erico Braga, nela fez a sua reaparição a ilustre actriz Irene Izidro que num papelinho, que não passa dum ligeiro apontamento de graça subtil, se revela a notavel comediante que ao nosso teatro tem dado o melhor da sua vocação e do seu talento. «Perdi minha mulher!» repete-se hoje ás 21 e 45 horas.

«A dança da luta, no Apolo

Sobe depois de amanhã á cena no Apolo, a revista de «Três abexins», em 2 actos «A dança da luta», cujos 16 quadros são assim intitulados:

1.º, Aldeia mais portuguesa; 2.º, A matança do porco; 3.º, Eu sei tudo...; 4.º, Dança luminosa; 5.º, Ultima hora!; 6.º, Provincia florida; 7.º, Minho, jardim de Portugal; 8.º, Pierrot e Columbina; 9.º, Adeus ó Salsa!; 10.º, Dança da luta; 11.º, Camion-Sonoro; 12.º, Relogio de Biscuit; 13.º, Teatro de sempre; 14.º, Operetas modernas; 15.º, Tentação Eterna e 16.º, Magicas dos nossos avós (apoteose).

A revista «Bailarico Saloio»

No teatro Maria Vitoria, por uma companhia popular, estreia-se amanhã a nova revista tambem popular, «Bailarico Saloio», de Frederico de Brito e Sicilio Gil, cujos quadros são os seguintes:

1.º, Cantigas leva-as o vento; 2.º, Velas ao vento; 3.º, Aldeia mais portuguesa; 4.º, Danças da nossa terra; 5.º, Quem torto nasce...; 6.º, Bailarico Saloio; 7.º, Rua abaixo, rua acima; 8.º, O nosso bairro; 9.º, Cacho doirado; 10.º, Entre as dez e as onze; 11.º, Rubis do Oriente; 12.º, Flor do Lotus; 13.º, Amor de Mussumé; 14.º, Crisantemos; 15.º, Que tem Ayay?; 16.º, Vira o disco e 17.º, Bodas de ouro do «football» (apoteose).

A nova companhia de circo e a sua estreia, sabado, no Coliseu

Esta nova companhia de circo que se estreia no proximo sabado no Coliseu e que traz as mais curiosas atracções modernas, nunca vistas entre nós, despertou em todo o publico um invulgar interesse.

Todos querem ver, e com razão, as novidades sensacionais e a celebre e misteriosa indiana Tanit Ikao, a mulher-fakir, unica no mundo, fascinadora de serpentes e crocodilos e que exerce sobre si propria um sobrenatural dominio que deixa o publico estarrecido. Domingo: 1.ª «matinée».

O ULTIMO FILME DE René Clair amanhã, no EDEN

«Break the News» que vai ser estreado amanhã no Eden-Teatro com o tiulo de «O Caso do Dia», nada tem de comum com a cintilante peça do dr. Ramada Curto. Trata-se duma originalissima novela de Loic le Gouriadec, adaptada agora, pela segunda vez, ao cinema. O primeiro filme extraido deste conto foi «Le Mort en Fuite», que já vimos em Lisboa. «O Caso do Dia» tem nos principais papeis Maurice Chevalier e Jack Buchanan—que os ingleses chamam o seu Chevalier. Mas, ao contrario do que se pode esperar, Chevalier não tem, no decorrer da acção uma unica cançoneta a cantar.

TEATRO NACIONAL
HOJE — A's 21,45 — HOJE
O GRANDE EXITO
UMA MULHER... E O MESMO HOMEM
com PALMIRA BASTOS
AMANHÃ: 2 espectaculos 2
A's 20,30 — A grande peça
Isabel de Inglaterra
A's 22,30 — A interessante peça
Uma mulher... e o mesmo homem
Bilhetes á venda para estes espectaculos

AVENIDA
Hoje: A's 8,30 e 10,45
A Rua da Paz
A UNICA REVISTA DE LISBOA

Novidades CINEMATOGRAFICAS

O reclame e o publico

Em Portugal perde-se muito a justa medida das conveniencias, exagera-se tudo. E' o que acontece com o reclame. No caso presente só nos interessa o reclame do cinema e, portanto, só a esse nos referiremos.

A um filme de pequena categoria, a um filme corrente, não se hesita em chamar uma super-produção; a qualquer trabalho perfeito não duvidamos chamar-lhe uma maravilha.

Desse modo o publico desorienta-se primeiro e acaba por não acreditar em reclame algum.

E o pior é esquecermo-nos de que o reclame duma estreia, por exemplo, pode inutilizar o sucesso possivel duma produção. Se tratamos dum filme vulgar, como são na maior parte, por quanto os invulgares são raros, não se deve chamar-lhe uma produção extraordinaria, não se deve asseverar que é o maior exito dos ultimos tempos, porque o publico que acreditou e vai á estreia sofre uma decepção, irrita-se por se sentir enganado e é o primeiro a dizer mal do filme por um instinto de vingança natural. Se o filme é uma produção de regular interesse e factura, e se no reclame se não abusou das parangonas e dos adjectivos, o publico acha o filme melhor do que o reclame podia fazer supor e é êle proprio que faz o reclame recomendando-o a amigos e conhecidos.

Diz a experiencia que é esse o melhor reclame, aquele que é feito pelas pessoas que foram ver, que gostaram e que transmitem as suas impressões ás outras pessoas.

Mas a que proposito vem isto?

A proposito dum filme que se anunciou sem adjectivos, sem adverbios, sem grande barulho e que afinal anda reclamado de boca em boca, por quantos o vão ver e ouvir e dão por bem empregado o seu dinheiro. Esse filme chama-se simplesmente «Barnabé» e tem no principal interprete o grande comico francês Fernandel.

E' um filme anecdotico, feito para provocar o riso e consegue-o inteiramente. O ambiente desta produção foi criado para despertar a alegria e o bom humor, e por isso ele está recheado de numeros de «music-hall» e lindissima musica.

Mas isso não o dizem os reclames diarios; di-lo toda a gente em conversa, conta-se aos amigos, alude-se nas palestras nos electricos, etc.

E quando o reclame é dessa natureza é porque o filme merece o agrado publico e merece ser visto. Esse é o caso do «Barnabé».

Racine e os seus versos

Tivemos a felicidade de ver exibida virgem, logo após a saida da Alfandega, uma pelicula que é uma joia da cinematografia francesa. Tem por titulo «Adrienne Lecouvreur», titulo que em Portugal lhe é mudado para «A duqueza e a artista».

Ouvimos nessa pelicula, numa dição impecavel, Yvonne Printemps dizer versos de Racine, naquele purissimo francês que encanta os nossos ouvidos.

Yvonne Printemps, a grande comediante de que a França se orgulha, tem neste filme uma interpretação colossal. A cena final, a morte de Adrienne Lecouvreur tem tal desempenho por parte da ilustre artista que nos domina absolutamente.

Passando a apreciar o filme em si, no seu entrecho, na sua efabulação, temos a impressão de que o realizador, Marcel l'Herbier, pôs de parte o seu estilo habitual para nos dar mostra do seu talento adaptavel a todos os generos, inclusivé ao deste filme, feito de cenas rapidas, cortantes, decisivas, em que não há um gesto ou uma palavra a mais do que o necessario.

Decorre o filme no meio faustoso da côrte de Luiz XIV, entre perucas e frases galantes, entre amores pusilanimes e verdadeira fidalguia.

Pierre Fresnay, da «Comedie Française», é o galã que contracena com Yvonne Printemps o que basta para dar ideia da elevação com que esta fita é interpretada. Larquey, que nos habituamos a ver em papeis comicos, tem neste filme um papel serio em que se patenteia um actor de classe.

Eis o que podemos dar como novidade cinematografica. Acrescentaremos que «A duquesa e a artista» será apresentada no cinema Condes, em Lisboa, muito em breve.

Jornal sonoro desenhado

Um cinema de Lisboa vai apresentar um jornal sonoro inteiramente constituido por desenhos animados, os quais dão noticias das actualidades, tal como fazem, os autenticos jornais sonoros. No fundo é uma charge graciosa ás reportagens cinematograficas que se vê com prazer.

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE, ás 21,30 — Telef. 27172
São Luiz
O fugitivo desceu á cidade
com Charles Boyer, Sigried Curie e Heddy Lamarr

CENTRAL TEL 24381
Telef. 24381 — A's 21 e 30
ESTREIA
A Sombra da Dúvida
filme policial com Virginia Bruce e Ricardo Cortez

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6283
Prisão sem grades
Super-produção premiada na Bienal de Veneza com a Taça do Ministro da Cultura Popular de Italia
PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
Direcção de Leonide Moguy com CORINNE LUCHARE, Ginette Leclere, Annie Ducaux e Roger Ducherne

TIVOLI
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
Branca de Neve e os Sete Anões
POLITEAMA
A's 21 e 15
Telef. 26305
O primeiro filme de grande metragem de Walt Disney

REX
Telef. 2 9656
A's 21 e 15
Os Fidalgos da Casa Mourisca
Musica e mulheres
Preços especiais (de tarde e á noite) excepto domingos e feriados

LYS
Tel. 4 6580
Alerta no Mediterraneo
Siga a Marinha

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
CARAS FALSAS

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
ULTIMA
OS NOVOS RICOS
com Raimu, Michel Simon e Betty Stockfeld
COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
BARNABÉ
filme comico com Fernandel, Roland Toutaim, Charles Deschamps, Paulette Dubost, Claude May e J. Gael

CAPITOLIO
Telef. 2 7493 A's 21
O Principe e o Pobre
A CHAVE
(Irlanda em fogo)

PARIS
A's 20 e 45
O Terror de Brimstone
Um dia nas corridas

TERRASSE
Tel. 2 0917
Alarme no Mediterraneo
Siga a Marinha

POLITICA REALISTA

A Entente Cordial foi obra

de dois homens

contra o sentimento de duas nações

Eduardo VII, rei de Inglaterra, que tomou a iniciativa de realizar com a França um entendimento que ficou conhecido pela designação de Entente Cordial

Quando, no começo de 1903, se soube que Eduardo VII, a-pesar-de todos os conselhos em contrario, teimava em fazer uma viagem oficial a Paris, a estupefação foi grande nas côrtes da Europa. Mal se adivinhava então que, subindo ao trono, o principe de Gales, sibarita e inteligentissimo, se preparava para transformar a face do mundo. O rei chegou á capital francesa em 1 de maio. O presidente Loubet, foi, protocolarmente, esperá-lo á gare. Mas logo no percurso Eduardo VII teve ocasião de verificar quais os verdadeiros sentimentos da multidão parisiense.

Por toda a parte se ouviam gritos de «Viva os boers!» misturados com o pregão da «Patrie» que publicara um numero especial com o retrato do presidente Kruger.

Um dos intimos do rei, impressionado pelo acolhimento, mais hostil do que se havia suposto, murmurou-lhe ao ouvido: «Os franceses não gostam de nós». Ao que Eduardo VII, replicou com a sua ironia proverbial: «E por que haviam eles de gostar de nós?»

Na hostilidade francesa havia a recordação de seis seculos de odio tradicional e a ferida de Fashoda ainda a sangrar.

Durante os dias que durou a visita, Eduardo VII manteve um bom humor excepcional. Nos espectaculos a que assistiu, nos banquetes que lhe foram oferecidos, nas recepções prodigalizadas pelo meio oficial foi inegualavel de bom senso, de sentido das oportunidades e de simpatia irradiante.

A' partida, a multidão encheu as ruas do percurso por onde o real hospede devia regressar á estação. Mas os gritos de «Viva Kruger» haviam-se transformado em aclamações.

O rei conquistara o coração da França. A Entente Cordial tinha nascido.

Restava apenas dar-lhe conteudo diplomatico e finalidade. Para isso Eduardo VII encontrava um parceiro digno da sua subtileza, no ministro dos Estrangeiros francês, Teofilo Delcassé.

O ministro francês, nesse ano de 1903 ainda foi a Londres para regular os pormenores do acôrdo em vista. Este era assinado, no ano seguinte, por Paul Cambon, embaixador francês, e pelo ministro dos Estrangeiros britanico Lord Lansdowne.

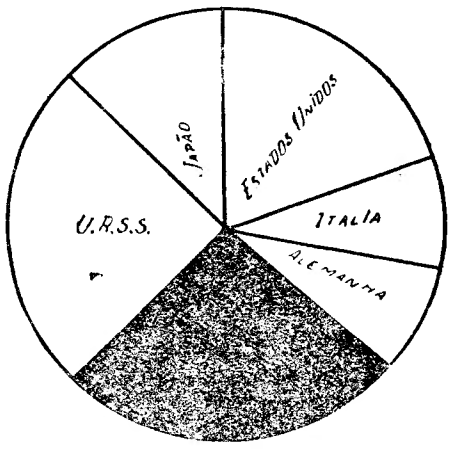
Tratava-se de um acôrdo sobre materia colonial em que, além de outros problemas de importancia secundaria, a França reconhecia os direitos ingleses no Egipto e, em contrapartida, a Inglaterra reconhecia os direitos franceses em Marrocos. Os dois governos prometiam-se mutuo auxilio diplomatico para a execução do que acabavam de assinar.

Esta clausula teve, depois, uma importancia nitida na marcha dos acontecimentos. A Alemanha, pretendendo separar as duas potencias ocidentais, meteu-se no vespeiro marroquino e, por isso, encontrou sempre a Inglaterra ao lado da França, durante o periodo de dez anos que decorreu entre a assinatura da Entente Cordial e a conflagração europeia.

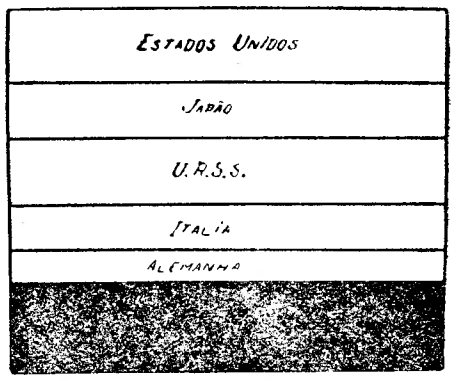
Em 1905, o chanceler Bulow provocou a queda de Delcassé, que não se teria dado se os franceses aceitassem as ofertas feitas pela Inglaterra, por iniciativa do proprio rei. Em 1905, 1909 e 1911 os alemães promoveram graves incidentes diplomaticos que ficaram conhecidos pelas designações de Tanger, Casablanca e Agadir. Em todos eles a França recebeu o apoio diplomatico incondicional previsto no acôrdo de 1904 e foi isso que lhe permitiu estabelecer o seu protectorado sobre o Imperio marroquino, consolidando assim uma posição de potencia colonial que hoje constitui a sua melhor garantia de futuro.

Logo que assumiu as funções de presidente do Conselho o sr. Daladier seguiu para Londres, em abril deste ano, com o seu colega dos Negocios Estrangeiros, Georges Bonnet. A fotografia representa os dois, ao chegarem á capital inglesa, quando dessa primeira viagem

O que vale o e



Este grafico dá ideia do valor actual dos armamentos franco-britanicos, os quais equivalem, aproximadamente, a 30 por cento dos armamentos das grandes potencias. A parte marcada a negro representa essa percentagem



Das materias primas, utilizaveis em caso de guerra, a França e a Inglaterra possuem mais de 25 por cento, em relação ás restantes grandes potencias do mundo. A percentagem franco-britanica está marcada a negro neste grafico

O plano das negociações

que estão a decorrer em Paris

entre os ministros franceses e ingleses

A França e a Inglaterra conversam. Mas ninguem terá a ingenuidade de supôr que essa conversa se desenvolve sôbre um plano definido, visando objectivos concretos e imediatos, procurando concertar medidas de alcance rapido e eficaz.

O sr. Chamberlain conversa com o sr. Daladier, Lord Halifax conversa com o sr. Bonnet no tom vago e impreciso que a diplomacia dos dois países usa há cêrca de vinte anos.

Munich foi uma prova crucial para o entendimento franco-britanico. Prova da sua fraqueza e da sua indecisão, prova da sua imprevidencia e da sua instabilidade.

Passada a hora tragica que aflorou a guerra, dum lado e de outro fizeram-se afirmações publicas cujo tom geral podia resumir-se assim: a Inglaterra e a França vão recuperar o tempo perdido.

No dominio diplomatico, no dominio politico, no dominio economico, no dominio militar havia toda uma tarefa gigantesca a realizar. Não há um sintoma seguer de que, em qualquer deles, a Fmaça e a Inglaterra tenham posto de acôrdo os seus planos, os seus metodos e os seus objectivos.

Assim as potencias do eixo têm podido jogar, com uma segurança e uma intensidade sintomaticas, á volta das divergencias e das indecisões que prescrutam em Londres e em Paris.

A Alemanha, em seguida a Munich entregou á Inglaterra um documento em que afirmava a sua boa vontade e as suas intenções pacificas, ao mesmo tempo que gratificava a França com um silencio cheio de intenções reservadas e de duvidas desconcertantes. Mas passado um mês e meio sôbre o historico encontro, a mesma Alemanha brinda a França com toda a especie de solicitações e promete-lhe uma declaração identica á que deu aos ingleses, enquanto a sua Imprensa desencadeia uma campanha feroz contra a politica britanica e contra as proprias intenções do gabinete de Londres.

A Italia, ha um mês e meio, considerava a Grã-Bretanha com uma irredutibilidade que os seus interesses no Mediterraneo tornavam compreensivel e encarava, com benevolencia, a hipotese do reajustamento das suas relações com a França.

Neste momento, a-pesar-da chegada a Roma de um novo embaixador francês, a Imprensa italiana sustenta contra a França uma vigorosa campanha, tendo, entretanto a Italia regularizado o seu conflito com a Inglaterra.

As conversações de Paris decorrem sob o signo da «flutuação». A politica externa dos dois países explica esse clima que não é proprio nem ás realizações nem ás realidades.

Nos ultimos meses os ministros franceses fizeram quatro viagens a Londres enquanto os ministros ingleses fizeram uma a Paris, a que agora está decorrendo.

Com que resultados? Foi precisamente nesses meses que a S. D. N. desapareceu, que a Austria foi invadida, que a Checo-Eslovaquia foi desmembrada.

Além dos contactos de estados maiores, pode dizer-se que nada se fez no sentido de remediar o presente das potencias ocidentais e de permitir que elas encarem o futuro com certa tranquilidade.

Quando a França e a Inglaterra se entendem

1904—Entente Cordial que iniciou a colaboração franco-britanica e preparou o sistema de equilibrio europeu, antes da guerra.

1906—Derrota diplomatica da Triplice Aliança na Conferencia de Algeciras que, convocada a pedido da Alemanha, deu Marrocos aos franceses.

1911—Nova derrota diplomatica alemã, em seguida ao golpe de Agadir com que Guilherme II pretendia renovar a questão marroquina.

1918—Vitoria na guerra contra os Imperios centrais devida á estreita colaboração da França e da Inglaterra.

1925—Assinatura do pacto de Locarno garantindo a fronteira francesa de leste e marcando o regresso da Alemanha a negociações diplomaticas normais.

1935—Conferencia de Stresa que organizou a frente ocidental contra a expansão alemã e marcou o inicio de uma colaboração eficaz anglo-franco-italiana.

1938—Acôrdo de Munich que evitou uma conflagração geral e permitiu encarar a possibilidade de um entendimento entre as nações democraticas e os paises totalitarios.

ntendimento franco-britanico

A politica interna
da França e da Inglaterra
nada tem de comum
com a sua politica externa

Quando em Londres e em Paris estão no poder governos de tendencias opostas, quasi sempre os dois países se entendem. O contrario sucede, geralmente, quando o poder é ocupado, nas duas capitais, por governos de tendencias semelhantes.

E' a prova mais frizante de que a politica interna e a politica externa das grandes nações, muitas vezes, andam seperadas, como se demonstra com o seguinte quadro:

1904—A Entente Cordeal começa quando estão no poder, em Londres, os conservadores e quando em Paris os radicais tomam a direcção de toda a politica francesa.

1914—Poincaré em França, interprete das correntes do centro e da direita ocupa a presidencia da Republica. Em Inglaterra, Lloyd George, liberal radicalissimo é o verdadeiro chefe da Inglaterra. Os dois homens iniciam a colaboração fraternal das armas franco-britanicas.

1925—Chamberlain, conservador da extrema direita e Briand, antigo socialista sempre afeiçoado ás esquerdas, dirigem a politica externa dos dois paises. E' do seu entendimento que resulta o pacto de Locarno.

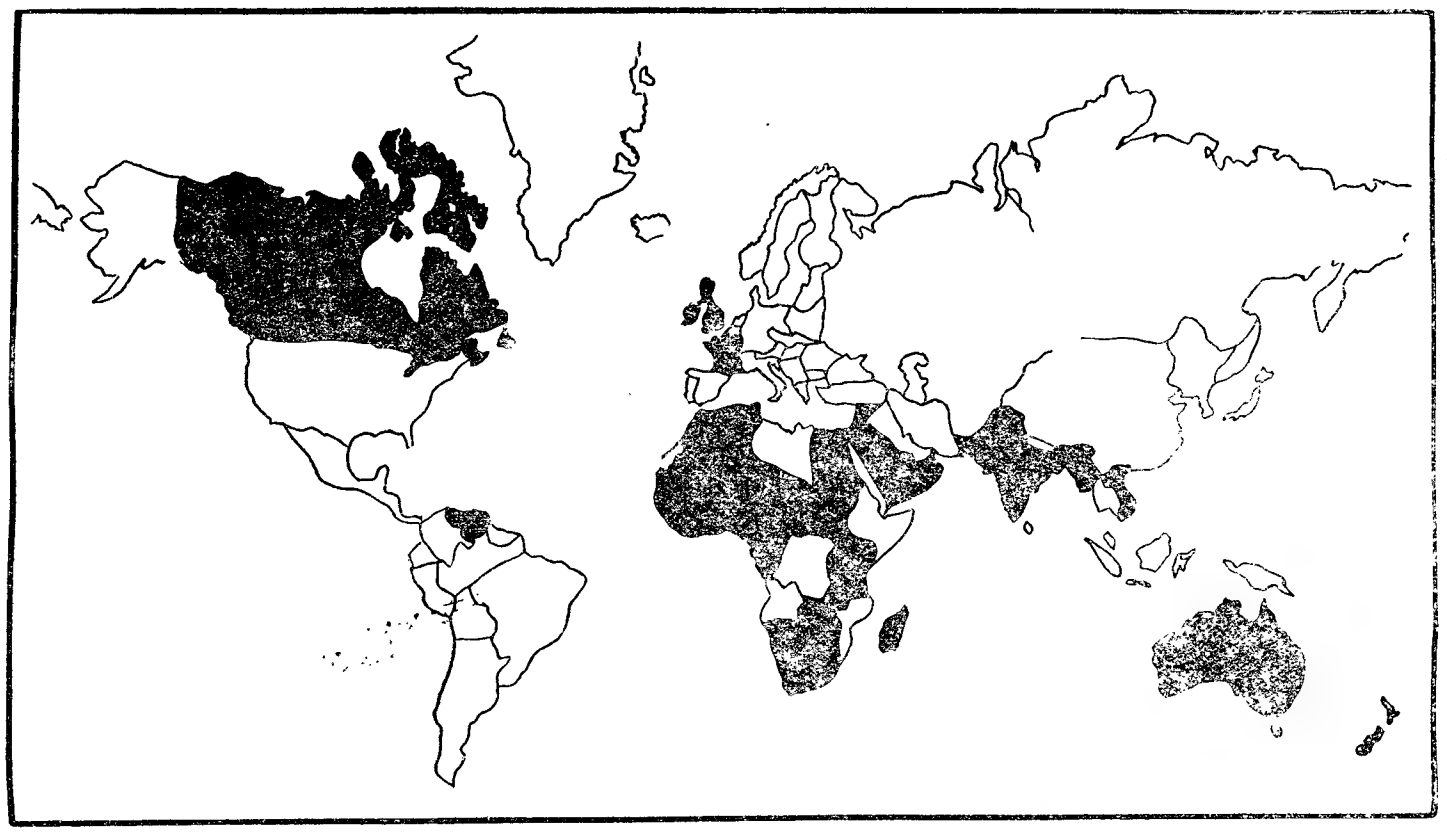
Teofilo Delcassé, ministro dos Estrangeiros francês entre 1898 e 1905 que, correspondendo aos desejos de Eduardo VII, realisou a aproximação com a Inglaterra contra a vontade da maior parte dos seus compatriotas

1932—Mac Donald, trabalhista, e Henriot, chefe do cartel das esquerdas, que tem o apoio dos socialistas, são amigos pessoais. Mas a politica externa desune-os e dêsse desentendimento resulta a liquidação das reparações.

1934—Os trabalhistas ingleses e os radicais socialistas franceses continuam a dirigir, sem se entenderem, a entente franco-britanica. Os ingleses provocam e aclamam o pacto dos Quatro, prenuncio e inicio da decadencia da S. D. N. Os franceses rejeitam-no e inutilizam-no.

1935—As sanções á Italia são a constatação do desacôrdo entre Eden e Laval, o primeiro um conservador inglês que faz a politica externa da oposição, o segundo um antigo socialista francês que faz a politica externa dos partidos da dircita.

1938—No poder, em Inglaterra, está o partido conservador chefiado por Neville Chamberlain; em França está o partido radical socialista, chefiado por Daladier. Os dois paises, em estreita colaboração, assinam o acôrdo de Munich.



Os imperios da Grã-Bretanha e da França, espalhados por todas as partes do mundo, têm de **superficie**: *48 milhões de quilometros quadrados, ou seja mais da terça parte da superficie total das terras e de* **população**: *600 milhões de habitantes, ou seja a terça parte da população total do glôbo.* As superficies marcadas a negro neste mapa são as que correspondem aos imperios francês e britanico

Que compromissos ligam neste momento
as duas grandes potencias ocidentais

Entre a França e a Inglaterra nunca houve, antes da Grande Guerra, nenhum tratado de aliança ou compromisso secreto. Além da Entente Cordeal, assinada em 1904, e que dizia apenas respeito ás colonias dos dois países, registaram-se trocas de cartas entre o embaixador francês Paul Cambon e o ministro dos Estrangeiros britanico, Grey, as quais previam consultas entre os estados maiores dos dois países. Estas consultas realizaram-se nos anos que precederam imediatamente o conflito. Assim, ao estalar a guerra, a Grã-Bretanha não se encontrava ligada por qualquer compromisso formal á França. O argumento que decidiu o governo, o Parlamento e o pais a intervir, foi a violação da neutralidade belga, garantida por um tratado em que figurava a assinatura inglesa.

Depois da guerra, os dois países assumiram, um em relação ao outro, as obrigações, de ordem geral, inscritas no pacto da Sociedade das Nações. A Inglaterra assumiu, além disso, as obrigações impostas pelo tratado de Locarno, que garantiam a fronteira francesa de leste. Depois de denunciado pela Alemanha este tratado, o governo inglês fez a declaração formal de que continuava a considerar-se obrigado pelas suas estipulações.

Recentemente, a Inglaterra e a França voltaram á politica militar do periodo que precedeu imediatamente a guerra. As medidas tomadas foram, porém, mais extensas e profundas. Além dum plano defensivo comum, e da utilização em comum dos recursos dos dois países, estabeleceu-se o principio do comando unico para as fôrças de terra, mar e ar e as modalidades da aplicação dêsse principio, em caso de guerra.

Os acontecimentos que se seguiram á ocupação da Renania tornaram muito estreita a cooperação franco-britanica, mas sem que dêsse facto resultasse a elaboração de qualquer novo instrumento diplomatico.

O pretexto oficial da visita de Chamberlain e Halifax a Paris é a necessidade de retribuir as visitas feitas a Londres pelos ministros franceses. Uma dessas visitas de Daladier e Bonnet, coincidiu com o momento culminante da crise internacional de setembro

Quando a França e a Inglaterra não se entendem

1920—Triunfo definitivo do comunismo na Russia em consequencia das concepções opostas de Clemenceau e Lloyd George.

1924—Inicio da destruição dos Tratados de paz pelo malogro da politica francesa no Reich.

1932—Liquidação das clausulas financeiras dos Tratados de paz na conferencia de Lausanne.

1933—Vitoria do nacional socialismo na Alemanha. Malogro da Conferencia do Desarmamento e inicio da corrida aos armamentos.

1933—Liquidação do principio da segurança colectiva pela assinatura do Pacto dos Quatro.

1935—Aplicação de sanções á Italia que inutilizaram o pacto de Stresa e deram origem ao eixo Roma-Berlim.

1936—Denuncia das clausulas militares dos Tratados de paz e entrada das tropas alemãs na Renania.

1938—Conquista da Austria e desmembramento da Checo-Eslovaquia. Reivindicações coloniais do Reich.

2 Grands Prix

KÖRTING-RADIO

A grande marca alemã de fama mundial

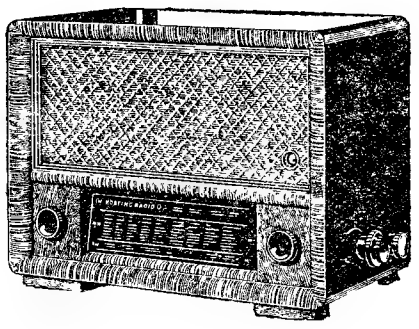
a quem as mais altas individualidades do meio artistico e intelectual têm prestado justiça!

5 modelos 1939 de grande categoria, desde

2.300$00 a 6.800$00

A mais moderna tecnica

A mais perfeita construção

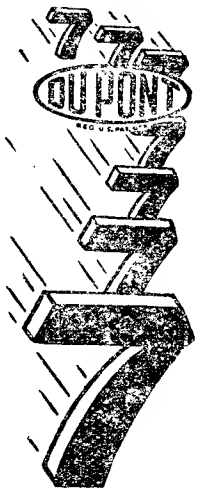


«AMATUS»

EXPOSIÇAO INTERNACIONAL DE PARIS
nas classes «RADIO» e «INTRUMENTOS» MUSICAIS
A unica marca que obteve esta honrosa classificação

Peçam catalogos e demonstrações aos agentes para Portugal e Colonias:

SCHUTTE & C.º, L.DA
Praça Luiz de Camões, 36, 2.º
Telefone 2 1945 LISBOA



Mantêm a linda aparência do seu carro

COM OS FAMOSOS PRODUTOS N.º 7
PARECERÁ SEMPRE NOVO

Duco Polish N.º 7. Auto-Top Finish N.º 7. Duco-Wax N.º 7. Touch-Up Black N.º 7. Metal Polish N.º 7. Radiator Cleaner N.º 7

Duradouros, eficazes e económicos, os Produtos N.º 7 são fabricados com o mesmo escrúpulo e esmero que deram celebridade ao DUCO. Experimente-os hoje mesmo!

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 – LISBOA
SORIA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 – PORTO

Fotos d'Arte, Gaubetrt – R. Augusta, 5 e 7-D.
Papelaria e Tabacaria – Rossio, 1.
Pastelaria Bénard – 101, R. Garrett, 73.
Pastelaria Marques – R. Garrett, 72.
Electrigia, Ld. – R. de Santa Justa, 87 (2.º).
Instrumentos musicais - **Custodio Cardoso Pereira & C.ª** – R. Carmo, 9-13.
Oculista Exacta, Ld.ª – R. Eugenio Santos, 50.
Drogaria - **Vicente Pimentel & Quintans, Ld.ª** – R. da Prata, 196.
Camisaria – **A. da Costa Feio, Ld.ª** – R. Augusta, 253-257.
Retrozeiros – **Almeida & Silva, Ld.** – Rossio, 76-77.
Sapataria Contente, Ld.ª – R. do Carmo, 74.
Luvaria e Sapataria Contente – Rua Santa Justa, 98-100.
Chapelaria «High-Life» - 53, R. Aurea, 55.
Alfaiataria - **O Figurino da Avenida** – Av. da Liberdade, 13-A.
Malas e Peles - **A Nacional** - R. da Palma, 34, 1.º
Casa das Vilidades – R. Ivens, 52-54.
Perfumarias - **Cabeleireiro de Senhoras** – **Academia Cientifica de Beleza M.me Campos** – Av. da Liberdade, 15
Vinhos do Pôrto. «Silva & Cosens» e «The Port Wine Export, C.ª, Ld.ª, e Chocolates, J. C. Nunes. R. Antonio Pedro, 62, 2.º, tel 5 0219.
Jogos Sports Casa Senna – R. Nova do Almada, 48-50.
Tapeçarias - **Oleados** - **Figueiroa Rego, Ld.ª** – R. da Prata, 209.
Bénard Tudo para Crianças - 100 R. Garrett, 102.
Charcuterie Française – 23, R. do Carmo, 25.
Despensa Ideal Mercearias Finas – Rua da Prata, 186, 188.

INDICAÇÕES

SOLICITE-SE *BONUS VIAGEM* DESTAS CASAS ATÉ PERFAZER O NUMERO DE QUILOMETROS NECESSARIO PARA REALIZAR UMA DETERMINADA VIAGEM EM 2.ª CLASSE, QUE SERAO TROCADOS PELO BILHETE DE PASSAGEM TODOS OS DIAS UTEIS, DAS 14 ÀS 16 HORAS.

100 – ROSSIO – 100

TELEFONE 25588 LISBOA

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL

Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro'Mar

O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

«COLOQUIO INTIMO»

O FITA AZUL: – Sou um Espumante Natural preparado meticulosamente com vinhos escolhidos na região de Lamego; Você já me conhece?

A QUALIDADE: – Pudéra, como não hei-de conhecer se estou integrada em si...

TORROAES

RELOJOEIRO DE CONFIANÇA

119 – RUA DA PRATA – 123 Tel. 2 4210

OS SEUS RELOGIOS

DE PAREDE E DESPERTADORES SATISFAZEM AS EXIGENCIAS MAIS MODERNAS

VEJA A SUA EXPOSIÇAO

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

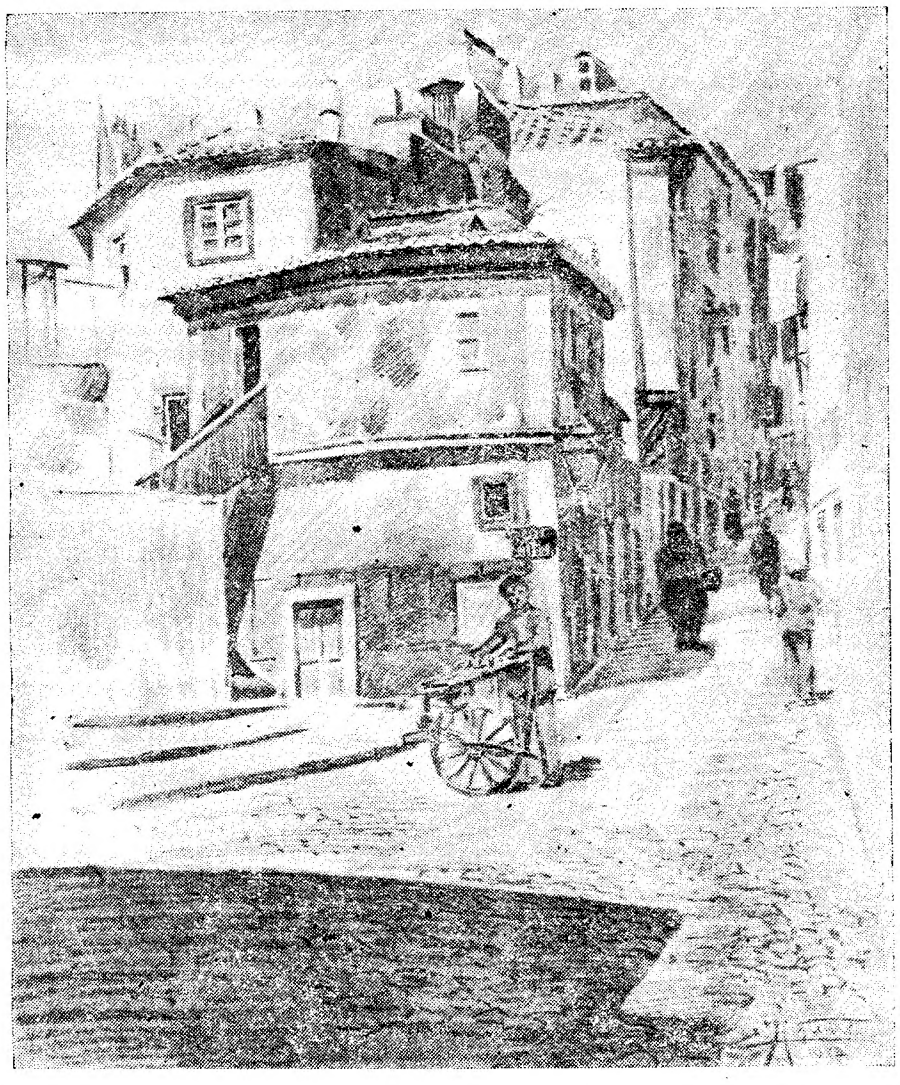
DO «DIARIO DE JOSE' MARIA»

UM SORRISO

pelo dr. RAMADA CURTO

Conheço todos os aspectos do outono, vistos daqui, dum banco da praça do Rio de Janeiro. E sobejam-me razões para isso. Não são tão poucos os outonos em que tenho vindo sentar-me num destes bancos, em soliloquios melancolicos com o meu cachimbo. Mas tiram-mi-me o meu poiso habitual de debaixo do cedro. Já não posso, quando estava sózinho, encostar a cabeça ao velho tronco, e conversar com a driade amiga que lá mora. Julgo que a Camara fez isto inspirando-se em ponderosas razões. Efectivamente, os ramos do cedro foram crescendo e, á medida que eles cresciam, foram aumentando os renques de colunas de ferro que os suportam, a ponto de esses renques já serem hoje cinco. De modo que, lá no fundo, junto ao tronco, havia uma escuridão de «selva umbrosa». Eu não digo que, nessa escuridão, á semelhança do que sucedeu a um florentino celebre, pudesse aparecer uma loba que me conduzisse a m'im, José Maria, professor livre de matematica e ciencias naturais, aos penetrais do Inferno. Não digo isso. Estou certo que, a mim, não me sucedia a aventura que sucedeu ao Dante—nem outra semelhante. O unico jardim de Lisboa onde ha lobas é o Zoologico e estão presas. E, quanto a lobos, eles sempre tiveram receio, diz a historia, daqueles que, como eu, usam a barba toda e já quasi toda branca. Mas, como quere que fosse, a Camara mandou tirar o velho banco circular que rodeava o tronco. Tive pena. Havia mais de vinte anos que me sentava nele, a horas varias, nas quatro estações do ano, ao sabôr dos meus ocios e das minhas manias de solitario contemplativo. Se os homens que governam nos jardins da minha dôce terra assim o deliberaram, foi por que os seus espiritos amam a claridade e detestam a penumbra. São criterios—e respeitaveis. Os jardins das cidades por onde eu tenho andado, obedecem a outro criterio—talvez inspirando-se numa razão proteccionista da reflexão estudiosa. Os recessos de Hyde-Park, em Londres, parece que estão cuidadosamente preparados para as conversas intimas e prolongadas e eu vi «policemen» graves fazendo a ronda junto desses lugares, para que não fossem perturbados nas suas confidencias, os espiritos reflexivos e amigos do isolamento, que usufruiam dessa comodidade citadina. E quem tiver essa ousadia é preso. No bosque de Bolonha em Paris a sombra e acolhedora e afavel—propicia ás concentrações de espirito, ás lentas preguiças do corpo, para que, naturalmente, o espirito fique mais livre e com mais facilidade possa elevar-se.

Em Portugal vêm-se as coisas doutra maneira e talvez com razão. E afinal nós não temos Hyde Park, nem o «gazon», nem o Bois—mas, por isso mesmo, somos um povo de acção que chegou á India primeiro que os outros. Os jardins fizeram-se para passear, e «tomar o fresco». Quem lhe apetecer meditar vá para casa e feche as janelas de dentro.



UMA RUA DE ALFAMA

(Desenho a lapis de José Contente)

O certo é que eu e o Evaristo agora sentamo-nos a caturrar num banco junto do marco fontenario. E não deixa de ser agradavel. O ruido da agua caindo da torneira sobre o marmore dá-nos a ilusão duma pequena fonte discreta que vai correndo ao nosso lado.

Em dia de «grandes aguas», quando se abre o repuxo do tanque, gosamo dali o espectaculo. A pouca distancia fica a «auracaria» que eu conheci pequenina e está enorme, desenhando-se no fundo do ceu que varia de colorido, com a sua elegancia geometrica, regular, fria, que me parece um tanto ou quanto rebuscada para uma arvore. As arvores assim, confesso, não me encantam. Na arvore preciso de vêr o imprevisto, a espontaneidade, a fantasia, o disparate mesmo, para gostar delas como de coisas vivas. Detesto as palmeiras—por exemplo. Um florista é capaz de fazer palmeiras artificiais, tão perfeitas como as que a Natureza produz. Mas desafio-o a que faça um castanheiro, um choupo, uma simples acacia.

Pois, aqui vim parar, mais uma vez, esta tarde.

E' bem o fim do outono—que já fez cair quasi toda a folhagem das arvores. As ultimas folhas que caem, côr de vinho e cobre afogueado, querem pôr, como diz o Rostand, nessa queda dos ramos altos sobre a terra, uma ultima graça exangue.

E eu que gosto de versos, pois sou do tempo em que os poetas os faziam, sinto ballar dentro de mim versos antigos. Vejo cair uma folha e penso:

«Lá vai mais uma! Tão novinha e já vai morta!

Tendes saudades?

E' um soneto do Nobre. E repito o ultimo verso ingenuamente triste:

Saudade, irmão, não na terei tambem lá pela cova?

Já reparei que desde que ponha na fornalha do meu cachimbo tabaco inglês, perfumado e amarelo, fico com um aacentuada tendencia para o devaneio lirico. E é que não sonsigo coordenar os meus pensamentos, dar-lhes um fio condutor. Será do opio que, dizem, esse tabaco tem?

Assim, agora: os meus olhos pousaram, de relance, na auracaria, notei mais uma vez a sua robustez, o seu viço, apesar de ser uma velha arvore, e eis que, por uma estranha associação de ideias, recordaram-me, de subito, quatro nomes de mulheres, ou melhor, de raparigas que eu conheci em tempos. Chamavam-se elas Alice, Berta, Maria José e Flavia.

E atrás dos nomes vieram as figuras, a memoria visual pôs-se a lembra-las.

Eram muito novinhas e costumavam vir brincar, com muitas outras, aqui para o jardim—o jardim da Patriarcal, que nesse tempo já se chamava do Principe Real. As familias moravam perto e mandavam-nas acompanhar todas as tardes, pelas criadas. Estou a vê-las a saltar a corda, a correr, em bando, de tranças caidas, a jogar ás escondidas, por estas ruas—as mesmas ruas ensalbradas—ha perto de quarenta anos. Que será feito delas? Estou a vêr-me tambem de calção, ou de fato á maruja, garoto espigado, que andava, ao tempo, na «instrução primaria», do Colegio do Figueiredo.

Lá andava com elas e com outros miudos a correr tambem. A's vezes, nas cantigas de roda, sucedia-me ficar no meio e ouvir destas:

O menino que está no meio
E' bem bonitinho
Para namorar
Tem belo jeitinho.

Eu não gostava de ficar no meio. A' uma porque não me sentia assim «bem bonitinho»—antes pelo contrario. E, á outra porque eu não tinha nesse tempo nem nunca tive depois «geitinho» nenhum para o que elas diziam. Fui sempre um timido. O que eu gostava da Flavia, por exemplo! Pois não me aproximava dela sequer, fugia-lhe. E ela era muito linda. Parece-me que a vejo, muito palida, côr de marfim, os seus compridos sacarrolhas de cabelos muito negros dum lado e outro da cara e uns olhos côr da capa d'Hamlet»—como diz o poeta. Quantas vezes, ao passar o friso de raparigas á minha roda, a cantar

Sim, sim, nada. não,
Furta que é ladrão,
Furta uma menina
Da tua afeição.

quantas vezes me deu vontade de a furtar a ela! Mas não furtava. Furtava a Conceição, coitadinha, que era muito feia e picada da variola.

E recordo a Berta, a elegante, a gracil Berta, com o seu narizito petulante de garota ladina. Que linda mulher devia ter saido dali!

E a Maria José, exuberante, com a graça, um pouco pesada, duma italiana. E a Alice, leite e rosas, cujas tranças loiras eram o orgulho da pobre mãi e o enlevo dos meus colegas—garotos como eu.

E tantas outras, tantas! Onde estarão elas as minhas pequenas companheiras? Estarão mortas—serão umas velhas que já fizeram a sua vida como eu? Foram felizes, oudesgraçadas? Ou, em qualquer jardim de Lisboa, as netas delas, tambem cantarão dansas de roda e saltarão a corda? Quanto eu daria para as vêr agora, como elas eram nesse tempo, nem que fosse uns minutos, para ouvir as suas vozes frescas cantar «a moda que a Rita cantava, lá na Praia Nova, olaré, ninguem na ganhava».

A auracaria recorta-se nitida, no ceu palido, com o ar orgulhoso de se sentir uma grande arvore, em quanto diante dela vão passando sucessivas gerações de crianças que crescem, breve envelhecem e o vento da morte as leva... Ela, arvore, não. Para a tombar seria preciso um raio e um raio é um exagero, uma especie de brutalidade meteorologica que Deus raras vezes emprega contra este pobre mundo tão pequeno. Sim, as minhas frageis amiguinhas desse tempo passaram mais depressa do que tu, auracaria! Grande coisa ser arvore—castanheiro, cedro, pinheiro. Amarão as arvores? Haverá sensibilidade e consciencia nos vegetais? Todas estas que me rodeiam pensarão, ao ver-me passar: cá está o José Maria; vai-te preparando, meu velho!

Em fumando tabaco amarelo é isto—dá-me para a metafisica. Sei lá eu se um castanheiro tem consciencia! Para o saber ao certo era preciso que eu, em lugar de professor de ensino secundario, fosse castanheiro. Em vez de dar li-

(Vêr continuação na pagina seguinte)

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Bibliografia

Obidos, desenhos de Abilio.

Este simpatico artista, no intuito de tornar conhecida a linda vila acastelada de Portugal, que pode rivalizar com Carcassone pela beleza das suas muralhas medievais, publicou um lindo album com alguns dos seus melhores desenhos. Abilio Leal de Matos e Silva escreveu uma «legenda», traduzida em inglês, na qual, rapidamente, descreve o que ha de mais interessante naquele verdadeiro museu de arquitectura militar e civil. Os desenhos de Abilio, voluntariamente ingenuos, e fixando bem o pitoresco local, são dignos de elogio. Supomos que este album de Obidos é destinado aos turistas. Pelo menos é-lhes duma grande utilidade.

Brasil, do dr. João de Barros, José Osorio de Oliveira e Gastão de Bettencourt.

Continuamos recebendo, regularmente, esta magnifica obra, que é a sintese da vida do Brasil, sob todos os aspectos da actividade humana. No tomo V termina o estudo da historia literaria da grande republica irmã, vasto panorama critico duma lucida inteligencia, que vem desde os primeiros tempos da formação daquela nacionalidade até nossos dias. Na segunda parte, que começa no mesmo tomo, entra-se em materia nova: *Vista geral do Brasil*, que é um descritivo da estrutura geografica do grande país, a obra do homem, suas riquezas agricolas, industriais, etc. Inumeras gravuras, escolhidas com gosto, decoram o texto. *Edições Europa.*

A. D. 2230, de Amilcar Mascarenhas.

A capa dêste livro é bastante elucidativa do seu recheio: uma torre giratoria, no meio do mar, com planos salientes sôbre os quais descem e partem aviões. Eis uma imagem possivel de realizar mesmo no nosso seculo. Trinta ou quarenta anos bastam. Amilcar de Mascarenhas dá-nos um curioso e intenso romance de antecipação, cheio de imaginativa, mas que nunca perde a sua linha de verosimilhança logica. O novel autor, aproveitando as lições de Wells, escreveu uma obra sugestiva, palpitante de emoção, cujo interêsse principal reside no facto de Portugal se envolver numa guerra com dois países, saindo vitorioso. A realidade dos locais, os nomes portugueses e outros elementos controlaveis fazem com que *A. D. 2230* tenha, dentro da sua fantasia, como que uma base de estabilidade, que leva o leitor mais ceptico a meditar no que lhe descreve o autor. No meio seu fragor belico, armas monstruosas, engenhos enigmaticos de destruição, atmosferas panicas, labor intenso de laboratorios e gabinetes de espionagem, corre um fio de amor que dá á acção os seus nervos emocionais. *Edição da Parceria A. M. Pereira.*

Des fleurs et un coeur, de T. Trilby.

Eis um livro de emoção simples, de vida verdadeira, que, contando-nos uma linda historia, de trama harmoniosa e palpitante, nos arranca deliciosas lagrimas de alegria e de ternura. Não se pode escrever melhor nêste genero duma—como dizer?—inefavel ternura, que nos faz acreditar na eternidade e na pureza do amor. A acção desenrola-se na Côte d'Azur, entre flores, ceus limpidos, e um mar, lavrado de espumas de prata. Odile é uma castelã, figura de sonho, que encarna todas as virtudes da alma feminina. A seu lado, numa especie de replica, madame Jeanne, professora duma escola, que para ali foi convidada por um sacerdote. Tudo parece propositadamente feito para as separar: uma representa a doce França, a outra, o cosmopolitismo intelectual, frio e escolastico. No entanto, entre as duas estabelecem-se misteriosas afinidades. Um dia, porém, dá-se o conflito. Nenhuma delas encontra a felicidade. E a historia prossegue, terminando numa atmosfera de patetico humano, donde surge a verdade consoladora e redentora. Eis uma obra que nos afirma o culto da vida, e a certeza de que a felicidade nem sempre passa longe da nossa porta. *(Flammarion).*

Diario duma escriba, de Mercedes Blasco.

A ilustre artista encontra sempre um titulo feliz para as suas recordações intimas ou para as suas evocações de teatro. Nêsse livro ela patenteia mais uma vez a sua alma, numa nudez generosa, aberta a todos os entusiasmos, não escondendo tambem os sofrimentos que a pungem.

Fala-nos de tudo, de poesia, de politica, dos países que visitou, de cinema, do fado, de Paris.

O livro é, de facto, como o titulo testemunha, um *diario*, escrito com profunda sinceridade, o que lhe dá o valôr precioso dum documento humano. *Livraria Rodrigues.*

Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira.

Está publicado o fasciculo XLIV desta notavel obra que, com o andar do tempo, constituirá uma pequena biblioteca, síntese admiravel de toda a especie de conhecimentos humanos. Este fasciculo vai da palavra «Betas» a «Bicicleta», contendo numerosas gravuras, e três estampas de arte em separado. Muito interessante o registo das bibliotecas particulares, muitas delas desconhecidas, e que constituem, pelo visto, um riquissimo patrimonio livresco.

UM SORRISO

(Continuação da pagina anterior)

ções, dava castanhas. E era melhor, «Quentes e boas, dez réis vinte»—como dizia, por este tempo, o pregão que eu tenho no ouvido.

Maldito tabaco amarelo! Fico, quando o fumo, com uma mentalidade «prelogica»—como se diz—incapaz de fazer um raciocinio e tão absorvido nas minhas «nuvens» que, como agora, nem dei pela presença do Evaristo Godinho, que se veio sentar a meu lado e me acordou.

—Olá!—exclamei—Você ha quasi oito dias que não me aparece. O que tem feito?

Ele demorou um bocado a resposta, como costuma e, por fim lá explicou:

—Estive de *môlho*. Não podia dar passada com a perna direita inchadissima.

—Reumatico?—indaguei eu.

—Não. Uma inflamação ou coisa que o valha, no artelho. Mas você, calcule lá! Para ir do quarto para o escritorio era o cabo dos trabalhos! Eu não queria morrer de pasmo na cama, queria aproveitar o tempo em qualquer coisa, mas, quem diz que podia pôr o pé no chão? Onde punha o pé punha o nariz. Dôres terriveis! Só lhe digo isto: o meu rapaz pegou em mim em pêso ao colo, levou-me e sentou-me á secretaria...

—Grande frete!—comentei eu, risonho.

—Oitenta quilos, meu caro... Felizmente agora já estou fino—confirmou o meu amigo.

Eu que lhe conheço os gostos acrescentei em comentario:

—Assim ,com estes dias de inacção forçada foi uma orgia de literatura latina, de poesia classica. Aposto que o Horacio *viu uma bruxa* consigo...

Ele sorriu tambem e respondeu:

—Depois do que eu lhe disse verifico, mais uma vez, que você, tirando-o das matematicas, não dá nada. Se não fôsse a sua espessa ignorancia verificava logo que o meu autor preferido fôra o Virgilio, e do Virgilio, a Eneida e da Eneida, o canto segundo, no final

Em face da minha surpresa, ele continuou:

—Sim, homem. E' aquele passo do Eneas, no incendio de Troia, salvando o *pater Anchises* ás cavalitas. Até o Bocage se refere a isso no celebre epigrama ao canapé, salvo, pela sua antiguidade, do incendio de Troia:

... daquele incendio voraz
Eneas com o pai ás costas.
E o filho com aquilo atrás.

E recitou:

—Ergo, age, care pater, cervice imponere nostra...

Subitamente, pôs-se muito sério e como visse ainda nos meus olhos incompreensão e surpreza, elucidou-me:

—E 'a historia do meu rapaz andar comigo ás costas, do quarto para o escritorio, do escritorio para o quarto. Eu era o *pater Anchises* e ele o Eneas.

Calou-se. Numa atitude muito dele, inclinara o corpo para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e a cara nas duas mãos abertas uma de cada lado, e ficou-se assim, olhando em frente, para um ponto vago. Depois da volubilidade inicial, o subito e prolongado silencio, e, sobretudo, o aspecto estranho da sua fisionomia, impressionaram-me e preguntei-lhe:

—O que é que você tem?

Ele olhou-me um bocado em silencio. Os seus olhos pareceram-me tristes. Era como se dissessem bem, como se estivessem de acôrdo, com aquele crepusculo de outono, com aquele ceu cheio de nuvens violeta.

E então, sem me desfitar, explicou:

—E' que, voce sabe?. Por causa disto tudo, do meu rapaz ter acarretado comigo, vi-me ao colo do outro, do que morreu, que teria agora, se fôsse vivo, vinte anos, era tambem muito forte, como este... Se fôsse vivo, ajudava o irmão. Um trazia-me, outro levava-me para o quarto. Alternavam, percebe?

E ao dizer-me isto, queria sorrir por fôrça, como quem se desculpa de ter aquela ideia e o peor é que queria que eu acreditasse que ele tinha vontade de sorrir.

Eu estas coisas assim bolem-me com os nervos. De mais a mais a luz morrente do dia fazia brilhar os olhos dêle, dum modo diverso do habitual. E não acreditei nada que ele estivesse a sorrir, tanto que, fiquei tão atrapalhado que respondi desenxabidamente e com o tom de voz mais natural que pôde arranjar:

—Ah, sim... pois está claro.

Depois puxei a seguir três fumaças do meu cachimbo—com tanta fôrça que até me engasguei.

RAMADA CURTO

DOIS POEMAS de Tomaz Kim

3.ª Canção de Regresso

para Raquel Bastos

Quero os caminhos sem fim!

Quero os caminhos sem fim
que vi nos teus olhos, Poeta,
para atingir o que na Terra renunciei.

Procuro a estrada
onde a luz é serena e os homens riem
Procuro a estrada
que me liberte do Tédio e do pranto
... ...
Ó Senhor
que as gotas do teu sangue
e a sombra da tua cruz
me guiem
nesta minha jornada
pelos caminhos sem fim!
(Mas, Senhor,
se os caminhos sem fim
não atingem o Fim?!)

4.ª Canção de Regresso

para José Osorio de Oliveira

Tudo se gasta...
Tudo se gasta, tudo é pó!
Tudo se gasta...
As torturas do meu cerebro,
dos meus nervos e do meu sangue...
Tudo se gasta...
A minha fé e os meus versos,
os mil ruidos da noite...
Tudo se gasta...
Tudo se gasta, tudo é pó!
Só o pranto dos inocentes,
pairando no espaço sem fim,
é inalteravel!

TOMAZ KIM

DUAS NOVIDADES LITERARIAS

As ultimas obras

de JOAQUIM MANSO

PRIMAVERA DA LENDA

uma obra deliciosa de espirito, de ironia e de imaginação, onde os deuses voltam a falar

Editorial Atica

A CONSCIENCIA NUA E ABANDONADA

um livro sobre um grande tema que responde a todas as interrogações da alma humana

Livraria Bertrand

Ecos

Dias depois do famoso panico causado, nos Estados Unidos, pela transmissão radiofonica, sinistramente realista, duma invasão da terra por habitantes de Marte—o dr. pencer Jones, grande astrologo inglês, declarou que estava convencido, que a vida ha muitos milenios se extinguira naquele planeta.

«Vemos em Marte possibilidades duma especie de vida, mas o mais provavel é que estejamos em presença duma existencia defunta. Sem duvida, a vida floriu ali, mas a atmosfera «secou-a» por completo. Os famosos canais daquele planeta não passam duma ilusão psicologica. O dr. Jones chegou ás mesmas conclusões sobre os grupos planetarios de Mercurio e Jupiter.

■

O poeta Francis Jasnmes visitou, antes de morrer, Paris, onde não ia desde 1918. A alguem que o pressentiu sôbre a sua entrada na Academia Francesa, declarou:

Quand on vise l'Academie on ne peut plus écrire une ligne. On n'ose plus rien dire: tout est dangereux. Vent — on dire quelque chose sur Lavedan, on est obligé de rentrer sa frase. On est muselé. On fait des courbettes. Dans la vie, le grand devoir est de se libérer. Ce nest pas commode. Tout est deponillement. Le grand art, la sainteté est deponillement en ce monde.

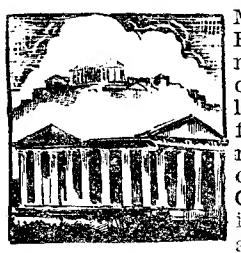
As duas ultimas frases podiam servir de epitafio a sua estela funeraria.

■

O juri do premio «Femina» mostra-se bastante hesitante este ano na escolha. Como é natural, aquele premio deve recair de preferencia numa mulher. O ano passado foi atribuido a Raymonde Vincent, autora do romance «Campagne». Este ano, porém, o premio devia ir para um escritor, sendo os favoritos Jean Guérec e Bernard Barbey.

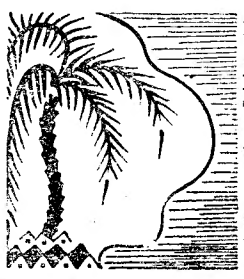
Entre outras, concorrem: Cilette Offaire, Lucy Anny e Marie Mamois.

■



Madame Pearl Buck é a quarta mulher que recebe o Premio Nobel, de literatura. Em 1909 foi conferido a Selma Lagerloff, sueca; em 1926 a Grazzia Deledda, italiana, e, em 1928 a Sigrid Undset, norueguesa. Os Estados Unidos já receberam três premios que foram conferidos, respectivamente, a Sinclair Lewis em 1930; Eugenio O'Neill, em 1936, e agora a Pearl Buck. O ano passado, como ainda se devem recordar, o laureado foi Roger Martin du Gard.

■



Ferreira de Castro encontra-se actualmente, em Paris, depois duma larga viagem ao norte da Europa. Sabemos que o autor da «Selva» aguarda o aparecimento da tradução, em francês, do seu romance «A Selva», editado pela casa Grasset, uma das livrarias mais conceituadas de Paris.

Os 6 Sentidos

Antes de partir...

Este aroma de certos sitios de Lisboa, em certas horas de verão! E' melancia fresquinha ou verniz de movel novo? Aqueles sitios de Lisboa são sempre ruazinhas de nomes bonitos: «da Palmeira», do« Jasmim», «das Amoreiras»... Ha sempre nelas, simultaneos do cheiro milagroso, a frescura dumas sombras e um pregão de amoras-da-horta ou medronhos. Tudo isto é dôce, humilde e feliz.

Depois de cá estar

Na quinta do Tomás, caminho do rio, está um eucalipto estendido, morto. Partiram-se-lhe os ramos—braços—no desabar; e os formigantes filhitos e sobrinhos do feitor, lasca a lasca, em brincadeira,—têm-lhe tirado a casca, feia e pudica. Ficou tudo branco e perturbante, naquele grande corpo de loira gigantesca que em certos recantos começa a gangrenar, acastanhadamente, sob a mentira perfumada das folhas ainda não sêcas. Arrepiante!

Crepusculo no campo

No instante mesmo em que ainda ha agonizar do dia e já vagidos uivados do nascer da noite—as oliveiras, vistas duma janela do meu quarto, são o desenho a nanquim, dum minucioso professor classico. As figueiras, de folhas largas, manchas mais de hoje, dum Stuart de emotividade crepuscular.

Foi bem numa delas que Judas se enforcou; é nelas que eu vejo o estertor dos dias—Judas que ressuscitam ao dealbar, para, como o Iscariotes a Cristo, nos beijarem de sol e nos venderem á morte que mais e mais se achega...

Arco-iris nas vinhas sem cachos

Já passaram as vindimas. Já foram pisadas as uvas. Os lagares já sangraram. Os toneis e os pipos já são nédios viventes *dispapticos a arrotar fervuras de mosto em que a espuma babada pelo batoque é uma grande flor, mais* viva *do que as flores de pessegueiro—que têm, na Primavera, esta mesma côr.*

No desgrenhado dos vinhedos sem fruto, ha macerações; por lá cirandou o rancho vandalico e cantante das raparigas e dos rapazes desembaraçados, de navalhitas crueis e mãos grosseiras, afeitas ao vindimar implacavel, ao brutal atirar daqueles mimos negros, rosados, côr de marfim, ametistas—cachos de «vinhão», de «Alicante», «diagalves», «ferral»—para os cestos de vime, para as gamelas *de pau.*

Mas as vides, sem filhos, escangalhadas no desalinho que sucedeu á forte posse do rancho vandalico e cantante,—ficaram mais lindas, por mais doentes e sofredoras e sózinhas. E as suas folhas, ao sol outoniço, amarelo, são mais «artistas» *que na pujança: nelas ficou, prodigiosamente, toda a gama opulenta dos cachos que morreram cortados e pisados. Ha vermelhos, violaceos, rosas e amarelos, nessas folhas,—que são olheiras de prazer morto, nodoas de saudade, cambiantes de lembrança.*

Mistral e o Santo

Escritores ha que só nas tardes de fim de verão campesino, quando o sol é quente mas não arido,—ás vezes a luz sabe *a sumo de laranja; dulcificou-a a verdura—podem lêr-se e adorar-se. Frederico Mistral, o das mais floridas «Memoires et Récits» e o da celebre «Mireille»,—por exemplo. Sôfro apenas de não poder lê-lo no provençal esoterico—mas no francês mais vulgarisado.*

E' que, para mim, o caldo regional de papas de milho que a mulher do moleiro faz tão bem—requere malga e côlher de pau; as mocitas do povo, chinelinha e não sapato; e nem pensar quero no que me desolaria trocar o tôsco São José, dono da minha capela e protector desta minha casa,—por uma imagem novinha, cheia de unção embora, mas sem aquelas botifarras de cossaco, e aquela vara de marmeleiro que uma açucena imprevista encima, e aquele chapelão «paradense» que usa, ha não sei que tempo, no seu altar quieto,—o meu *São José!*

RODRIGO DE MELO

O ABISMO

por Antonio J. da Costa Ferreira

A tarde começava a desmaiar, nos meios tons encarniçados dum poente de verão.

Pela janela estreita da carruagem, eu via essa estranha e majestosa paisagem da Beira-Alta; penhascos agrestes desciam da via ferrea até ao vale, cavando em linhas escuras um recorte sombrio, no fundo do qual a lingua de agua do Mondego corria mansa e triste.

Ia só no compartimento, só a olhar perdido aquele abismo que me rodeava, que me isolava.

As casas que aqui e ali, em prodigios de equilibrio, se agarravam a um recanto da encosta eram negras, esborcadas e deixavam escapar da telha mal junta, o fumo da ceia do Beirão.

Tudo estava ameaçador, sangrento pela luz vermelha da tarde.

De repente o comboio pára numa pequena estação, que namorava, galante, a povoação que a olhava do fundo do vale.

A portinhola abre-se e uma mulher nova, elegante, deixa-se cair num banco diante de mim, como quem atingira o seu objectivo final, depois de larga corrida.

O comboio de novo rôlou sobre os carris, a paisagem continuou a desenrolar-se da mesma forma, vermelha, ameaçadora; simplesmente eu já não ia só.

Olhei atentamente para a minha companheira de viagem e reparei, desagradavelmente, que ela nem me tinha visto.

Vestia de cinzento, «tailleur» de bom corte, na cabeça um feltro da forma masculina que as mulheres gostam de usar para parecerem ainda menos homens.

As mãos nervosas, brancas, finas, não se enlaçavam naturalmente sobre os joelhos, enclavinhavam-se, agarravam-se uma á outra febris, expressivas.

Reparei então, que só na mão esquerda trazia luva, a direita, descalça, ostentava as unhas sangrentas e afiadas como garras.

A seu lado caía molemente um saco de cabedal, unica bagagem que trazia.

A saia curta deixava ver as pernas longas, finas, espirituais, modelarmente retocadas pelo bronzeado das meias.

De sob a aba do chapeu irrompia, exuberante, uma farta cabeleira loura.

Quis vêr-lhe os olhos, mas não era facil; teimosamente, essa estranha viajante, mantinha a cabeça caída sobre o peito e as mãos enclavinhadas sobre os joelhos.

Estranhei-a. Os ombros bem modelados vergavam molemente como sob um peso invisivel, enorme.

Essa mulher sofre, pensei, e afligi-me.

Tão elegante, tão mulher, bela sem duvida e a sofrer ao pé de mim, numa atitude que a isolava, que me afastava da sua vida.

A pouco e pouco foi-se formando no meu intimo um sentimento de tão exagerado cavalheirismo, que lamentava ela não me dar oportunidade para a abordar, para lhe secar os olhos que instintivamente eu supunha molhados.

Em breve, porém, verifiquei que me enganava.

Entrou o revisor e foi preciso tocar-lhe no braço para que ela erguesse a fronte branca, singularmente branca, e cravasse os olhos azues, secos, indiferentes, no rosto vulgar do revisor.

—O seu bilhete?

—O meu bilhete?... Não tenho bilhete...

—Para onde quere ir?

—Qual é o «terminus»?

—Esta carruagem é directa a Lisboa.

—Então para Lisboa.

Abriu o saco, tirou uma nota e recebeu o bilhete, que o revisor, atonito, lhe vendeu.

Ficamos de novo sós.

Vi-lhe as sobrancelhas, desenhadas a lapis castanho, subirem finas pela testa alta.

A boca carminada como unica nota de côr, acentuava a palidez do rosto.

Era uma mulher bonita, mas duma beleza estranha, aflitiva, que «empolga» e tortura, que subjuga e «seduz».

O olhar azul, metalico, frio, perdia-se fixo através da janela no vale profundo.

Sofreria, ou seria simplesmente uma louca?

Movi-me, tossi, mas ela permaneceu desagradavelmente indiferente á minha pessoa, que se ralava de curiosidade no outro canto da carruagem.

Falar-lhe, mas dizer-lhe o quê a essa indiferente que olhava sem ver, que viajava sem saber para aonde?

A tarde continuava a caír persistente, implacavelmente.

A «silhouette» da estranha viajante começava já a desenhar-se a escuro, no quadro mais claro da janela e o olhar azul, fatal, continuava imovel, cravado no vale que se envolvia já, numa escuridão fria, magnetica.

As mãos enclavinhadas ergueram-se lentamente até ao peito, o tronco vagarosamente foi-se curvando, enquanto a cabeça se debruçava sobre a paisagem, abraida, arrastada.

Sem saber porquê, eu ia acompanhando esse penar cansado, cheio de aborrecimento, de fremente necessidade de repouso, que se observava no corpo esbelto da viajante, e aproximei-me dela.

Mais perto eu notei no olhar, ainda mais impressionantemente, uma fixidez aterradora.

A luz era já muito pouca, cada vez menos, só no fundo do vale brilhava debilmente o prateado da agua do rio.

Entramos numa ponte, o ruído da deslocação do ar tornou-se mais sensivel, orquestrando o latejar nervoso das minhas fontes. Então, a mulher deslocou-se, mais branca ainda, mais impressionantemente desnuriana, na escuridão da tarde e precipitou-se para a portinhola, que abriu.

Num impeto, sem determinação mensuravel, eu levantei-me, enlacei-a, puxei-a para o meu peito, enquanto a porta da carruagem balouçava, suspensa sobre o abismo negro, ameaçador.

Os nossos rostos frente a frente, quasi tocando-se naquela escuridão olimpica, deixaram que o meu olhar escuro, sem duvida ardente, se cravasse, penetrase até ao amago daquelas pedras azues, frias, estranhas.

E tal foi o calor do meu olhar, que os labios rubros descerraram-se, os olhos azues pestanejaram e uma rajada de chôro atirou sobre o meu ombro aquela linda cabeça de mulher.

Senti-a junto de mim, palpei-lhe as mãos geladas, tremulas, fechei a porta da carruagem, os vidros da janela e sem saber como a consolar, mudo perante uma dôr desconhecida, mas intimamente feliz por assistir á humanização daquela figura estranha, eu levei insensivelmente á bôca a modelar mão, fina, nervosa, que se perdia nas minhas.

—Deixem-me morrer—murmurou.

—A vida é bela—respondi eu, estupida mas convenientemente.

Ela então olhou-me pela primeira vez, a ver-me.

—Quem é o senhor?

—Um homem que se felicita por ter viajado hoje consigo.

Emmudeceu de novo, descendo o lhar, já dum azul vivo, brilhante.

Momentos depois voltou a fixar-me estranha, num sorriso tragico.

—Não quis então que eu morresse?... Ah se soubesse como detesto a vida. Tudo é mau, feio, cruel... Não posso mais, esgotei as energias de combate, a fôrça para trabalhar. A familia não me compreende, fecham-me as portas da minha profissão, por toda a parte implacavelmente tudo me diz que não, brutal, desoladoramente não...—e um chôro feminino, adoravel, molhava copiosamente o rosto que começava a ruborizar-se... «Não sei para que lhe digo isto, que concerteza o não interessa».

—Engana-se, desde que aqui entrou que me interessa.

Os olhos azues fixaram-se então em mim, já com a indiscutivel intenção de me verem.

—Porquê?

—Porque é nova, porque é bela, porque é mulher.

Era noite fechada, uma restea de luar vinha até nós do ambiente fantastico do ceu estrelado.

—Diga-me que não quere morrer—insisti eu, infantilmente teimoso—A vida é bela, é rica, é enlouquecedora para nós, que temos ainda tantos anos para desbaratar, para gastar em luta e em felicidade.

—Eu já não...

—Não diga isso—atalhei.—Se soubesse como é bela, como tem nas suas mãos a vitoria da vida, não pensava sequer na morte.

Os nossos rostos estavam perto, os labios quasi tocavam, enquanto no ceu alta, brilhante, uma estrela, a estrela dos novos, indicava um destino de luta, de felicidade, de amor.

8 novembro 1938

A. J. COSTA FERREIRA

ANUÁRIO JURÍDICO E AGENDA

para 1939

ANUÁRIO: Ordem dos Advogados, Ministérios e serviços dependentes, Tribunais Superiores, Freguesias por ordem alfabética, com indicação da comarca a que pertencem, Comarcas (Tribunais, Advógados, Solicitadores Notários, Conservadores, Julgados Municipais). Informações juridicas. Quadros sinópticos de processo; prazos processuais; impôsto e percentagem. Informações varias, etc.

AGENDA: Para cada dia uma página, com memorandum de horas marcadas e espaço para apontamentos. **Esc. 25$00**

Preços para assinantes do Jornal do Fôro: **20$00.** Pelo correio acrescem os portes.

A SAIR DENTRO DE DIAS. Pedidos ao «Jornal do Fôro», Rua do Crucifixo, 50, 1.º, E.

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Napoleão, depois da batalha de Austerlitz, encontrou um soldadito que, por estar ferido, seguia muito atrás do seu regimento.

— Não tens pernas para marchar? preguntou-lhe ele.

— Tenho, sire, mas não podem acompanhar o meu coração que já se acha em França.

JOAQUIM MANSO

OS LIVROS DA SEMANA

A ILHA VERDE
romance por MARIA LAMAS

REVISTA DE PORTUGAL
(numero cinco) director VITORINO NEMESIO

O nosso ultimo artigo fechava com interrogações. Depois de estudarmos brevemente o problema da prosa lirica portuguesa, terminávamos preguntando até que ponto se poderia esperar do escritor português aquele desdobramento entre o homem que sente e o homem que exprime fundamental a um estilo de ficção. Porque o certo é não podermos abstraír daquilo que é consubstancial á arte: a expressão ressoante de uma voz que fala de além dos pincaros luminosos da inteligencia. Parece-nos inteiramente supérfluo voltar a dizer que em arte só é claro aquilo que na origem foi obscuro. Criar na luz, sim, mas criar naquela luz em que nós mesmos nos sentimos iluminados sem sabermos como.

A vocação lirica do escritor português é uma fôrça. Por ela o escritor português vai até á luz através das trevas. Pregunta-se: perderá ele o contacto com as trevas transfiguradoras desde que tente mitigar essa vocação lirica? Era este o ponto duvidoso do nosso problema. A obra de ficção, já porque é de *ficção*, pressupõe da parte do *ficcionista* uma certa insinceridade. O escritor que escreve uma obra de ficção simula ou finge. Não se pode simular ou fingir sem uma especie de desdobramento consciente entre aquela zona do homem que simula ou finge e aquela outra que suporta e alimenta esse fingimento. Afigura-se-nos, pois, que para simular ou fingir é preciso *querer conscientemente* simular ou fingir. E' por demais sabido que o querer consciente asfixia no homem a colaboração do ser tenebroso. Por isso a arte parece comprometida quando o artista conscientemente simula ou finge.

Ha tanto mais verosimilhança nesta conjectura quanto é certo considerarem-se entre nós escritores de fraca ressonancia poetica precisamente aqueles que mais longe levaram o seu fingimento literario. Tenho por indiscutivel que escritor algum levou ainda tão longe a arte da ficção portuguesa como Eça de Queiroz. Eça de Queiroz tem sido muito vez acusado de *frieza*, de *secura* de *aridez* poetica. E nesta palavra *poetico* está tudo aquilo que numa obra de arte significa ressonancia humana, eco das vozes que falam de além dos *pincaros luminosos da inteligencia*.

Que pensar de tudo isto? Haverá, de facto, no português um impossivel ontológico para a criação *ficcionista* em profundidade? Estarão de facto os portugueses condenados a não atingir na obra *ficcionada* aquilo que inegavelmente têm atingido nas obras *sinceras*? Estaremos nós condenados a ser liricos (directamente sinceros, portanto), para podermos ser profundos?

E' este o ponto nodal do problema. Diante dele nos detivemos no nosso artigo anterior. Tudo depende agora de se saber, em primeiro lugar, se o desdobramento implicito na criação de indole romanesca asfixia de facto aquilo que em todas as artes se pode chamar o fundo nocturno — a poesia. E' evidente que não. Aí estão a atestá-lo as obras primas do romance. Não se trata, portanto, de uma limitação inerente ao genero ficção. Estamos perante uma limitação do nosso proprio genio. Nós é que não sabemos operar o desdobramento entre o ser que imagina e a coisa imaginada. Esse desdobramento não se pode mesmo tornar nefasto á *sinceridade* da obra senão quando faltam ao escritor aqueles dons mercê dos quais ele é capaz de *imaginar com sinceridade*.

Sim: *imaginar com sinceridade;* sim: criar o ficticio como quem cria o verdadeiro. Isto é possivel. E, porque o é, pode o romance ser uma obra de arte. Eis o que nós temos dificuldade em conceber. Mas a verdade é um dos dons capitais do romancista consistir precisamente nisto: neste imaginar sincero, neste criar ficticio como quem cria verdadeiro. O romancista tem de ser capaz de se deixar possuir tão inteiramente pelas suas proprias criações ficticias que para ele elas sejam verdadeiras. Balzac chegava a dizer, no meio de uma conversa sobre assuntos correntes: «Deixemos isso — vamos á realidade». E punha-se a falar das suas personagens e dos conflitos dos seus romances. Para Balzac, a verdadeira realidade era a imaginada por ele.

Como é isto possivel? Muito simplesmente. Para acreditarmos naquilo que nós mesmos imaginamos ha que começarmos por imaginar com sinceridade. Uma criança que se imagina a si mesma rodeada de filhos de que ela é a mãi quando apenas diante de bonecas de trapos está de facto convencida de tudo quanto imagina. Está convencida, porque quere estar convencida. Está convencida, porque precisa de estar convencida. E' aquela uma das suas mais naturais maneiras de se sentir viva. O romancista capaz de criar personagens e conflitos em que acredita fá-lo por necessidade: é essa uma das maneiras de se sentir vivo. (Toda a arte é afinal uma forma de o homem se dar a si mesmo a certeza de que vive). Daí a sua dupla qualidade de ilusionista e de iludido. E assim o romance expressão da sinceridade psicologica do romancista está perfeitamente explicado desde que se compreenda que para imaginar a vida de um romance não é necessario um desdobramento no escritor entre o ser que imagina e o ser que se deixa a si mesmo imaginar. Tal desdobramento dá-se apenas quando o romance não encontra no romancista um seu cultor nato. Dá-se quando o escritor, para escrever um romance, tem de forçar a sua propria sinceridade. Nesse caso o romancista não acredita espontaneamente naquilo que *ficciona:* tem de se convencer *voluntariamente* estar a imaginar *qualquer coisa digna de ser tida como sincera*. Assim se estabelece entre ele e a sua obra uma especie de convenção tácita: ele acredita nela porque assim é preciso; ela acredita nele por que ele põe nela toda a sua vontade de sinceridade. E então, se é perspicaz, se é inteligente, se é psicologo, pode chegar a compôr um romance verdadeiro, mas não sincero (isto é, uma falsa expressão da sua individualidade); se não é nem perspicaz nem inteligente nem psicologo põr-nos-á diante dos olhos uma historieta artificialmente concebida com personagens puxadas por cordelinhos. Infelizmente, assim acontece muitas vezes entre nós.

* * *

Devo repetir mais uma vez que quando me pedem a minha opinião sobre um livro é a minha opinião que está em causa. Deu, por isso, a minha opinião quando ma pedem. A *minha opinião*, note-se bem. Sublinho, para evitar mal entendidos. Regra geral os autores ficam muito surprendidos quando verificam que a opinião dos outros não coincide com a sua propria. O autor é quasi sempre muito mais optimista a seu proprio respeito do que os outros. Daqui o desencontro frequentissimo entre a sua opinião e a alheia.

Claro que isto não vem a proposito de *Ilha Verde*, romance que Maria Lamas acaba de publicar (Editorial *O Seculo*, Lisboa, 1938). E' uma reflexão de ordem geral. Maria Lamas é uma escritora conhecida. Com o pseudonimo de Rosa Silvestre publicou já varias obras. Assinado por Maria Lamas deu á estampa, ha uns três anos, um romance intitulado *Para além do amor*. Não estamos, pois, perante uma escritora inexperiente. Pelo contrario. Que se não trata de uma inexperiente, prova-o este seu ultimo romance. Não tenho duvidas em afirmar que *Ilha Verde* é um livro bem escrito: muito mais bem escrito do que alguns livros assinados por escritores de grande nomeada. Bem escrito, bem arquitectado e não de todo mal resolvido dentro das premissas que a escritora se deve ter imposto a si mesma para o escrever. Pena é que Maria Lamas não tenha sido mais franca para com os seus leitores. Já veremos porquê.

Feitas estas considerações e afirmado que o romance *Ilha Verde* é um livro bem escrito, bem arquitectado e não de todo mal resolvido, vejamos em que consiste o «bem escrito» deste romance, para depois vermos em que consiste o seu «bem arquitectado» e o seu «não de todo mal resolvido». Se bem que com mediocre exito, temos aqui insistido frequentes vezes na distinção entre *estilo* e redacção. O romance de Maria Lamas, com ser um livro bem redigido, não se pode dizer que seja um livro com bom estilo. Friso — *bom estilo*. Não digo que não tenha estilo. O que esse estilo não é sempre é *bom estilo*. Quere dizer que Maria Lamas, conquanto tenha imprimido ao seu livro um tom mais ou menos pessoal — a esse tom pessoal chamamos nós estilo —, não o soube manter sempre. Mesmo quando ele ressalta, ressalta equivocamente. Não sabemos nunca quando é que a escrita do seu livro se pode considerar estilo: a cada passo nos parece termos deixado de ouvir o tom pessoal, para só ouvirmos o martelar aplicado de uma boa redacção. Quando, por exemplo, Maria Lamas nos descreve a paisagem da ilha (a Ilha de S. Miguel), afigura-se-nos ouvir o tom de uma voz particular. E' o tom da voz emocional e sensivel de Maria Lamas. Maria Lamas esteve perante as paisagens que descreve: descreve-as no tom animado de quem revive impressões pessoais. Mas, desde que a paisagem desapareee do quadro, assim que intervem a narração ou é necessario estudar as personagens, imediatamente a voz claudica. Perde a entoação pessoal, faz-se *redacção literaria*. Poderia exemplificar. Mas todo o livro é uma exemplificação.

Vem depois o «bem arquitectado». Repare-se: emprego intencionalmente «arquitectado» por «composto», «narrado» ou mesmo «desenvolvido». A palavra «composição» aplicada a um romance pressupõe uma boa distribuição dos valores romanescos. A palavra «narração» (bem «narrado») pressuporia, aplicada a *Ilha Verde*, a existencia no livro de uma narração. E não. Tampouco se poderia dizer com propriedade que o romance de Maria Lamas está bem desenvolvido. Não está. O que ele está, de facto, é bem *arquitectado*. Quere dizer: o plano previamente delineado pela autora, partindo de certas premissas indispensaveis á boa consecussão de um certo *desideratum*, o qual é preciso respeitar antes de mais nada, só podia ser realizado pelo processo *arquitectónico*. Em arquitectura domina o criterio utilitário: faz-se a casa á vontade do dono. Maria Lamas desenhou a fachada do seu romance de acôrdo com as dimensões do terreno, a sua orientação e o plano de urbanização geral. Não esqueceu tambem as exigencias internas, quando essas exigencias se tornavam instantes. Em todo o caso preocupou-se mais com o desenho da fachada. E a verdade é tudo dar certo. Ilonka, a cantora hungara, desembarca na Ilha de S. Miguel, depois de encontrar a bordo o engenheiro Duarte de Medeiros, natural da Ilha, homem viajado, suficientemente fidalgo e suficientemente mediocre nas suas paixões. Depois, tudo decorre como estava previsto: belos passeios pela Ilha. Amores. Entraves de familia. Susceptibilidades arranhadas. Novos passeios pela Ilha. Um rival. Ciumes. Cansaço. Uma noiva sofredora. Procissões e cerimonias folclóricas. De novo o amor. Outra vez os entraves familiares. A partida de Ilonka sem o engenheiro, que fica para dar uma satisfação ao leitor e para que Ilonka o recorde como a encarnação do próprio encantamento da Ilha Verde. Tudo joga certo. Isto é: a arquitectura não compromete a estabilidade da construção romanesca. Com justiça não se pode dizer: isso não podia ter sido assim. De facto, a verosimilhança da *Ilha Verde* é inatacável. Repare-se: a verosimilhança da historia. Já me parece atacavel a verosimilhança dos caracteres. Não que as suas atitudes sejam descabeladamente falsas. Maria Lamas pôs um certo pudor no desenho das suas personagens. Ilonka é tão discretamente inconsequente e aventureira que tudo se lhe pode tolerar. Digamos tudo: as personagens da *Ilha Verde* não passam de sombras transparentes e indecisas. Sem opacidade e sem forma, impossivel identificá-las. Daí não termos de lastimar a incoerencia das suas reacções. Maria Lamas deixa mesmo na sombra o facto mais importante da vida sentimental das duas figuras capitais da obra—Ilonka e o engenheiro Duarte: —Maria Lamas atira-os para os braços um do outro sem nada nos dizer. Subitamente, no capitulo VII, depara-se-nos: «Duarte dava-lhe uma felicidade nova, toda vibrante de sensualidade e alegria. Era um amor sem complicações de sentimentos desencontrados, simples, instintivo e dominador». Já se tratam por tu; já têm intimidades de amantes; já de há muito se pertencem um ao outro. Nós, leitores, de nada sabiamos. Tinhamo-los deixado cerimoniosos em frente um do outro, apenas timidamente enamorados...

Chegámos finalmente ao ultimo ponto: o romance de Maria Lamas é «não de todo mal resolvido». Este é, quanto a mim, o principal. Todos os defeitos da obra o têm por fundamento primario. O meu «não de todo o mal resolvido» quere dizer que o romance de Maria Lamas teve de ser escrito para responder a uma intenção completamente estranha á arte do romance. Por isso eu escrevi que a *Ilha Verde* não era de todo mal resolvida «dentro das premissas que a escritora se devia ter imposto a si mesma». Essas premissas são, nem mais nem menos, a descrição da Ilha de S. Miguel e das suas belezas. Daí o próprio titulo da obra —*Ilha Verde*. Não se trata, pois, verdadeiramente, de um romance obra de arte. Trata-se de um romance pretexto para exalçar os encantos naturais de uma das nossas mais belas ilhas. O *romancezinho* de amor entre a hungara e o engenheiro é um atractivo. Maria Lamas contou com ele para servir de engodo aos seus leitores. Mas os leitores menos ingénuos devem ter preguntado aos seus botões: então não teria sido bem melhor que esta senhora nos descrevesse a Ilha Verde tal qual como a viu, em impressões directas, como viajante ou jornalista? Nisto está a falta de franqueza de Maria Lamas. Nisto está a fraqueza da sua obra.

O sumario do numero 5 da *Revista de Portugal*, de que é director Vitorino Nemésio, exibe-se-nos rico e variado. E' talvez, mesmo, variado de mais. Uma revista como a *Revista de Portugal* deve saber escolher a sua colaboração não para obedecer a um criterio de variedade mas para operar uma selecção. Quando uma revista deixa de ter uma estrutura critica e selectiva muito nitida acaba por se transformar numa especie de album literario. Em Portugal importa muito mais formar quadros nitidos de escritores conscientes das suas intenções do que associar nomes ocasionais cujo unico mérito seja, por exemplo, a *categoria literaria* ou a posição universitaria. Já dizia o critico Thibaudet que uma revista quando olhada de fora tem sempre o aspecto de uma *côterie*. E, para Thibaudet, as vantagens da *côterie* eram muitas. «Mais enfim, dans la pratique» escrevia ele dotes de la mode, et des laboratoires de renouvellement littéraire!». Eis razões de peso para «le cénacle et la côterie sont d'excellent anti-se não ter medo de pertencer a uma *côterie*, desde que a *côterie* a que se pertence não é constituida, claro, por vulgares especuladores da opinião publica mas por homens que tudo esperam do nobre e desinteressado exercicio do espirito. Será preferivel, pois, que a *Revista de Portugal* seja uma *côterie* do que uma porta aberta a correntes de ar mais ou menos eminentes.

No sumário do seu numero 5 há muitos nomes estrangeiros e nacionais. As cartas de Antonio Nobre são curiosas; o *Cantico* de Afonso Duarte é belo; dos *Poemas Ibéricos*, de Miguel Torga um deles, *A Raça*, parece-me demasiado reminiscente do Fernando Pessoa da *Mensagem*. O trecho *As conchas recolhem o tempo*, do escritor brasileiro José Geraldo Vieira (brasileiro de nação, português de nascimento), é digno de destaque. Ha ali uma nota nova na literatura portuguesa. *Universitas Latina* é a discussão, pelo dr. Vieira de Almeida, das teses de dois professores alemães, naturalmente racistas e inhabilmente inteligentes para sustentar tão ininteligentes teses.

A *Geórgica*, de Carlos Sinde, não desmerece do trecho publicado no primeiro numero da mesma revista, Raquel Bastos tem um delicado apontamento, *Os Caminhos Sem Fim*. E' de um arabesco bastante intrincado a carta de Albano Nogueira, *Este sonho mal vivido*. Manuel Anselmo, com o trecho de um romance em preparação, *Angustia Obscura*, promete-nos, quere-me parecer, a sua melhor obra. Revela-se aqui uma vocação de romancista. Versos de Pierre Guéguen, em que se chama ao Terreiro do Paço, *place de Henri le Navigateur*. Um poemeto de Campos de Figueiredo ao seu sabor.

Antonio de Sousa, tem dois poemas um pouco indecisos. *I'm very well thank you* é um pequena mancha de Vitorino Nemésio, á maneira de Virginia Woolf e Catarina Mansfiel, mas com pitoresco a mais e psicologia a menos. O resto, critica e comentarios, não desmerece das tradições da *Revista de Portugal*. Não esquecer a nota de Afonso Duarte sobre o desenho de uma criança. Enfim a *Revista de Portugal* continua a ser um dos primeiros repositorios de cultura do País. Regozijemo-nos com isso.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Testamento

Antes de morrer
vou dizer-te as minhas ultimas vontades
e vou fazer
ao mesmo tempo testamento.

Não quero que o meu corpo, vá
para jazigo ou campa rasa
quero depois de bem fria
ser incinerada
e já em cinzas, ao vento
por ti lançada

Não quero que tenhas tristeza
mas não queria morrer, sem a certeza
que terás saudades.

Quando vires no ar, o pó
a esvoaçar
e vir pousar em ti
não o sacudas, deixa-o ficar.
Posso saber-te só
e ser eu a fazer-te companhia.
Se nesse momento
algum pobre te pedir, dá
dá e sorri.

Tudo quanto tenho para ti será
Deixo-te: a emoção que se condensa
e em versos se estravasa.
Deixo-te: a minha ternura imensa.
Deixo-te: os beijos que te não dei
e deixo-te a felicidade que sonhei.

MERICIA